



**CARLOS ALBERTO MENDES LIMA**

**O UNO-PRIMORDIAL EM *O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA* DE NIETZSCHE**

**Lavras – MG**

**2023**

**CARLOS ALBERTO MENDES LIMA**

**O UNO-PRIMORDIAL EM *O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA* DE NIETZSCHE**

Monografia apresentada à  
Universidade Federal de  
Lavras, como parte das  
exigências do Curso de  
Filosofia, para a obtenção do  
título de Licenciado

Prof. Dr. Luiz Roberto Takayama

**Lavras – MG**

**2023**

*À minha querida mãe Aparecida Soares por toda resignação, dedicação e amor em relação aos meus passos. Ao meu amado pai Lincoln Pereira pelo apoio incondicional e confiança plena nos sonhos de um filho sonhador. À minha amorosa irmã Lívia Mendes, por dividir o dom da vida comigo. À Carolina Carrara, o ser que possibilitou o contato com o sentimento mais nobre de todos, a paixão, o amor.*

## AGRADECIMENTOS

Ao longo da caminhada, diversos percalços, dúvidas e recomeços se fizeram presentes. Quem opta por destinar seus esforços para a atividade de produção intelectual carrega consigo o árduo e inconfundível sentimento de solidão, o qual se faz presente em vários momentos que marcam as nuances desta jornada. Dessa forma, é absolutamente inegável a valorosa contribuição daqueles que em nenhum momento permitiram-me afirmar com solidez uma possível desistência durante o percurso.

Sou grato, eternamente grato. Um servo assíduo da gratidão. Reverencio meus pais e minha irmã pela oportunidade do conforto familiar, agradeço de corpo e alma aos meus queridos amigos que compreenderam minha ausência e recolhimento nos momentos mais difíceis, ao meu querido amigo, professor e orientador Luiz Roberto Takayama por acreditar no projeto e compreender o espírito procrastinador de seu orientando, à minha querida e amada irmã de alma, namorada e companheira Carol pela paciência, incentivo e base de sustentação nos dias nebulosos, à minha fonte de pureza e bondade no olhar, Madalena, uma pitbull que me causa estonteantes reflexões acerca do sentido da vida. Aos meus guias, sagrados orixás, amigos espirituais e a Deus.

Com absoluta certeza, sem tais pilares jamais estaria aqui tecendo linhas tão representativas e cheias de sentimento. Ao que me parece, por um momento, a missão está cumprida. Mas me refiro à “missão” dada na apresentação do curso de filosofia realizada por aquele que, coincidentemente, veio tornar-se meu orientador. A missão de *permitir-se à filosofia*. Ao dar a permissão de ser tocado pela filosofia e obter contato com as maiores cabeças da história da humanidade, tenho a impressão que os desafios a serem enfrentados daqui em diante, por mais espinhosos que possam vir a ser, serão enfrentados tendo ao lado uma boa e saborosa leitura de filosofia.

*Embora a anuncie "sem um sorriso, sem ornato e sem bálsamo", mas antes com uma "boca espumante", esta sabedoria deve chegar ao milenário futuro. Pois o mundo precisa eternamente da verdade, precisa, portanto, eternamente de Heráclito: embora ele não precise do mundo. Que lhe importa a sua glória? A glória dos "mortais em incessante fluxo!", como ele brada com desdém. A sua glória importa aos homens, não a ele; imortalidade da humanidade precisa dele, ele não precisa da imortalidade do homem Heráclito. O que ele contemplou, a doutrina da lei no devir e do jogo na necessidade, deve contemplar-se eternamente a partir de agora: foi ele quem levantou a cortina deste espetáculo sublime. (NIETZSCHE, 1873-1874)*

## RESUMO

A obra *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, publicada em 1872 pelo jovem e promissor filólogo alemão Friedrich Nietzsche, inaugura não somente a grandiosidade do pensamento nietzschiano e sua vasta, porém breve trajetória filosófica, como também realiza um percurso muito menos “sistemático” e muito mais “poético” no que diz respeito ao âmbito filológico da época. Tal cenário causa descontentamento aos filólogos do século XIX, porém Nietzsche empreende sua caminhada na filosofia estética e psicológica da arte às luzes de uma interpretação da Grécia Antiga jamais vista: a interação entre dois impulsos (*Trieb*), o apolíneo e o dionisíaco, as artes do figurador plástico e da música, representando assim o núcleo central da manifestação artística grega. O filósofo alemão carrega consigo o contexto histórico de uma Alemanha marcada pelas oposições estéticas clássica e romântica, as quais podem ser associadas à raiz característica do par conceitual apolíneo-dionisíaco. Contudo, a genialidade de Nietzsche não se limita ao campo analítico do pioneirismo trágico dos gregos, o filósofo alemão vai além e busca fundamentar uma verdadeira metafísica de artista, elevando a problematização acerca dos valores da existência, como fica claro no subtítulo dado à obra pelo próprio autor em 1886, *Helenismo e pessimismo*. Dessa forma, o presente trabalho visa adentrar no universo estético nietzschiano e em sua crítica à cultura propostos em seu primeiro livro, enfatizando a busca pela compreensão da complexa teoria do Uno-primordial (*das Ur-Eine*) e de seus desdobramentos. É ela que fundamenta a chamada “metafísica do artista”, pano de fundo metafísico da obra fortemente influenciado pela filosofia de Schopenhauer. Não obstante, é preciso também observar que o jovem Nietzsche não se restringia a ser um mero discípulo do autor de *O mundo como vontade e representação*, trilhando desde então um caminho em certa medida “anti-metafísico” que já o afastava das visões de seu mestre. Nossa intenção é abordar essa aparente contradição no cerne mesmo da metafísica do artista presente no *Nascimento da tragédia*.

Palavras-chave: Metafísica de artista, Apolíneo-dionisíaco, Crítica à cultura, Estéticas clássica e romântica, Helenismo e pessimismo

## ABSTRACT

The work *The Birth of Tragedy on the Music Spirit*, published in 1872 by the young and promising German philologist Friedrich Nietzsche, inaugurates not only the grandeur of Nietzschean thought and its vast, but brief philosophical trajectory, but also takes a less “systematic” path and much more “poetic” in terms of the philological scope of the time. Such scenario causes dissatisfaction with the philologists of the 19th century, but Nietzsche undertakes his journey in the aesthetic and psychological philosophy of art in the light of an interpretation of Ancient Greece never seen before: the interaction of the century between two impulses (Trieb), the Apollonian and the Dionysian, the arts of plastic figuration and music, thus representing the core of Greek artistic expression. The German philosopher carries with him the historical context of a Germany marked by classical and romantic aesthetic oppositions, which can be associated with the characteristic root of the Apollonian-Dionysian conceptual pair. However, Nietzsche's genius is not limited to the analytical field of the tragic Greeks pioneering, the German philosopher goes further and try to ground a true metaphysics of an artist, raising the question about the values of existence, as is clear in the subtitle given to the work by author himself in 1886, *Hellenism and Pessimism*. Thus, the present work aims to enter the Nietzschean aesthetic universe and his critique of culture proposed in his first book, emphasizing the search for understanding the complex theory of the One-primordial (das Ur-Eine) and its developments. It is what grounds the so-called “artist's metaphysics”, the work's metaphysical background strongly influenced by Schopenhauer's philosophy. Moreover, it's also necessary observe that the young Nietzsche was not restricted to being just a simple disciple of the author of *The World as Will and Representation*, since then treading a somewhat “anti-metaphysical” way that already distanced him from the views of his teacher. Our intention is to address these apparent inequalities at the very core of the artist's metaphysics present in *The Birth of Tragedy*.

Key-words: Artist`s metaphysics; Apollonian-Dionysian; Critique of culture

# SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
	2	UNO-PRIMORDIAL (13
2.1	Schopenhauer e a vontade	14
2.2	Schopenhauer e o pessimismo	18
2.3	Schopenhauer e o antídoto estético	19
3	NIETZSCHE E A VIDA	22
3.1	Uno vivente (23	
3.2	Influência romântica	25
4	O UNIVERSO DA VONTADE EM SCHOPENHAUER E O UNO-PRIMORDIAL EM NIETZSCHE	29
5	SUBSÍDIOS PRÉ-SOCRÁTICOS	35
5.1	Crítica ao 39	
5.2	Nietzsche e a solução heraclitiana	42
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7	REFERÊNCIAS	57
8	PLANO DE CURSO	59
8.1	INTRODUÇÃO	59
8.2	JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL	59
8.3	METODOLOGIA	60
8.4	DISPOSIÇÃO DETALHADA DAS AULAS	63
8.5	CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO	73

## 1 INTRODUÇÃO

A obra *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, publicada em 1872, pode ser compreendida como uma chave de leitura para a compreensão filosófica do jovem Nietzsche. No ano de 1886, a obra é editada novamente pelo então filósofo, genealogista da moral, com uma caracterização distintiva no título, *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, e acrescido de um inédito prefácio intitulado *Tentativa de autocrítica*. Sendo considerada a primeira formulação estética nietzschiana, o livro possui estonteantes reflexões do emblemático filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o qual evidencia sua marca identitária na forma radicalmente livre de filosofar em cada capítulo dessa primorosa obra.

Deve-se analisar sistematicamente a redenção pela arte e seu uso por Nietzsche. Este termo remete a uma acepção cristã em seu significado mais usual, ao que parece segundo o pensador, o cristianismo nega a essência da arte desde sempre, sendo assim a redenção estética exposta na obra de Nietzsche não passou por nenhum pressuposto dogmático. Para a metafísica-estética nietzschiana, o corpo representa o limite e também sua maior possibilidade, além do fato de que a base de sua interpretação artística é essencialmente grega, pré-cristã, mas não uma interpretação da Grécia e sim uma reinterpretação, aquela centrada na perspectiva dionisíaca, o que representava algo inédito até então.

Sua teorização visa combater a hegemonia científica e a metafísica clássica, deixando claro que a arte se aproxima mais da vida do que a ciência. Nietzsche estabelece a compreensão de que sua interpretação da Grécia não está de acordo com a interpretação filológica da época, o núcleo central da obra representa o par conceitual apolíneo-dionisíaco e a maneira como a forma musical teve capacidade de abalar as estruturas grego-apolíneas.

O emblemático pensador alemão fez questão de ressaltar com virtuosidade em suas linhas o quão fascinante é a capacidade transgressora da música e principalmente o aspecto singular do *cântico e a mímica* (NIETZSCHE, 1872, p. 31) da música dionisíaca. Quando a natureza sonora dionisíaca adentra a ambientação grega, é recebida com espanto e horror devido ao fato de que a música ali conhecida era pertencente aos

meandros artísticos apolíneos. Porém, segundo Nietzsche, ela se manifestava apenas em rigor, como uma espécie de ressaca do ritmo.

A música comportada e bela, anterior à música dionisíaca, transmitia a noção ao cenário grego de que a ambientação residia na falta de um contexto violento e comovedor da harmonia do som. É possível estabelecer a compreensão de que a preocupação de Nietzsche com a música é uma preocupação vital, que não representa uma mera ferramenta artística. Assim, a música dionisíaca aparece como o espírito dinâmico e uma força rítmica harmônica jamais vista no mundo grego, destituindo desse modo a elevada soberania apolínea.

Os aspectos que fundamentam o mundo artístico grego passaram por três grandes transformações. Primeiramente, o grego detinha uma certa predisposição ao pessimismo, e o apolíneo continha a característica de ser um antídoto eficaz contra isso, sendo capaz de alterar o aparato interpretativo da expressão sábia do velho *Sileno*<sup>1</sup>: “bom mesmo era se morrêssemos o quanto antes”, além do fato de que as divindades naquele momento permanecem sendo avaliadas como representantes de uma religião de vida. Em um segundo estágio, tal embelezamento das divindades encobria o aspecto trágico da existência. Desprezava o outro instinto estético: o dionisíaco, no qual é possível visualizar concomitantemente em sua capacidade geral, a conformidade do homem com a sua natureza originária e com o sofrimento. Já na última instância reflexiva, é possível visualizar a reconciliação entre Apolo e Dionísio, o momento indefinidamente crucial para o aparato artístico grego na visão de Nietzsche.

Para Nietzsche, a música representa a geração de tudo, não somente do campo que concerne à tragédia, a qual aparece intimamente ligada ao momento de arremate da identidade humana. O espírito da música dionisíaca representa um retorno à natureza, representa uma adequação aos instintos que haviam sido perdidos e a origem mais extática do mundo verdadeiro.

---

<sup>1</sup> “Semideus, preceptor e servidor de Dionísio. Filho de Pã ou, segundo outras versões, de Hermes e Géia, era representado como um velho careca, de nariz chato arrebitado, sempre bêbado, montado num asno ou amparado por sátiros, que acompanhava o cortejo do deus por toda parte e de cuja ebriedade falava sempre a voz mais profunda do saber e da filosofia.”

GUINSBURG, J. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Trad., notas e posfácio: J. Guinsburg. 8. ed. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2019. p. 145.

O empreendimento do filósofo alemão caminha em direção ao âmbito reflexivo acerca da arte apolínea representar o ocultamento do ser, a qual ocultaria a tragicidade da vida com as belas formas. Já a música dionisíaca pretende libertar o homem do individual e reencontrar a natureza perdida, caracterizando assim o primeiro passo para o desprendimento dos grilhões socráticos. Esse cenário traduz uma atitude perceptiva de libertação do povo grego, a liberdade faz jus ao ritmo e à dinâmica dionisíaca, na qual até mesmo o escravo pode apropriar-se do sentimento de ser livre.

Cabe ao primeiro capítulo desta pesquisa propor uma análise criteriosa acerca da influência da filosofia schopenhaueriana na primeira estética de Nietzsche, adentrando o campo teórico e poético da *metafísica de artista*. O jovem filólogo alemão estabeleceu um contato inicial com a obra *O mundo como Vontade e Representação*<sup>2</sup> em 1865, incorporando assim aspectos da visão do filósofo que recebe a alcunha de pessimista tanto no viés artístico como metafísico. Apesar de assumir claramente pressupostos schopenhauerianos como explicitado em sua *Tentativa de autocrítica*, Nietzsche sinaliza para o distanciamento de uma característica marcante da trajetória desse autor: o pessimismo.

Apolo é representado a partir de sua caracterização fundamental, o deus da plasticidade das formas, do brilho incessante e da beleza, simbolizando o mundo da representação e o próprio princípio de individuação. Já Dionísio é configurado a partir da sua singularidade caótica e dinâmica, representando o fluxo intenso da vida e a vontade que por si mesma manifesta-se além da esfera da representação. No âmbito do segundo capítulo, tal cenário divergente é analisado a partir da concepção constituinte da arte, a qual, para Schopenhauer, é a exímia representante da busca pela fugacidade momentânea do mundo regido pela vontade, que se manifesta com o intuito de desvencilhar-se do sofrimento existencial. Mas, para Nietzsche, a vontade é ela mesma a representação do artista, sendo ele o indutor da redenção na dinâmica do estabelecimento da vida. Destaca-se também a influência romântica na fundamentação do *Uno-primordial*.

---

<sup>2</sup> *O Mundo como Vontade e Representação* (*Die Welt als Wille und Vorstellung*) representa a obra de excelência do filósofo Arthur Schopenhauer, a qual é composta por quatro livros (incluindo o apêndice da crítica da filosofia kantiana), e cuja primeira publicação reside no ano de 1818.

O capítulo terceiro visa essencialmente aprofundar a análise acerca da apreensão dos pressupostos schopenhauerianos pelo filósofo Friedrich Nietzsche, assim como discorrer de forma sistemática a presença do avassalador ímpeto dionisíaco como eixo imprescindível para que se estabeleça a compreensão central das divergências entre o pessimismo metafísico de Schopenhauer e a teorização do *Uno-primordial*. Por fim, o quarto capítulo da presente pesquisa, buscará responder determinadas objeções que concernem ao estabelecimento de um possível caráter contraditório entre a metafísica de artista e a pretensão nietzschiana de caracterizar sua filosofia como *platonismo às avessas* (BARROS, 2002, p. 29). Tal movimento possui o pressuposto fundamental de apresentar ao leitor a influência determinante do elemento pré-socrático na concepção nietzschiana de fundamentação da unidade primordial de todos os seres, a qual é alicerçada na profunda compreensão do devir instituída por Heráclito.

## 2 UNO-PRIMORDIAL (*DAS UR-EINE*)

O jovem, porém promissor, filólogo alemão Friedrich Nietzsche, buscou sedimentar as bases de sua filosofia a partir da crítica incisiva ao modelo metafísico instituído pela tradição filosófica ocidental, o qual moldou as diretrizes da bipartição do mundo em mundo sensível e inteligível através da perspectiva platônica. Desde seus primeiros escritos, Nietzsche visa deixar clara a raiz de sua via filosófica, caracterizando-a por meio da desestruturação da soberania racional tendo em vista a realidade e o ser.

Assim, se faz necessário compreendermos como se deu o núcleo central da crítica da cultura do jovem Nietzsche tendo como ponto de partida a obra *O Nascimento da Tragédia*.

*É no início dos seus escritos, que Friedrich Nietzsche concebeu, ou intuiu, uma série de elementos que proverão sua original produção filosófica posterior. Ou, por que não dizer, desenvolveu os preceitos que justificam sua ruptura com a tradição filosófica platônica. (PAULA JÚNIOR, 2006, p. 32)*

A referida ruptura com a tradição filosófica platônica se insere na tese da enigmática teoria do Uno-primordial (*das Ur-Eine*), a qual evidencia a concepção dos fenômenos a partir da ótica de dois princípios que são em sua natureza contrários e contrastantes, mas que aspiram determinada reconciliação no interior de uma unidade indiferenciada, da qual todos os moventes são gerados. O fundo originário da vida, a constituição do indivíduo e a manifestação da multiplicidade dos fenômenos, estariam atreladas à doutrina do Uno-primordial.

Nietzsche estabelece como pressuposto fundamental de sua filosofia, a desestruturação do pedestal que circunscreveu o valor hierarquicamente superior do aparato racional em relação à vida. A retirada da razão como instância mais elevada da vida, representa para o filósofo alemão uma possibilidade de se desvencilhar da tradição e voltar-se para uma análise acerca de qual seria a raiz originária do ser; em linhas um pouco mais robustas, seria compreender qual o verdadeiro princípio constitutivo da identidade do ser.

O propósito nietzscheano vai de encontro ao estabelecimento de reflexões associadas ao indivíduo e à vida, buscando a compreensão da roupagem essencial que

poderia proporcionar a vestimenta adequada para a existência, longe de qualquer pressuposto que possa vangloriar a razão.

*Minha filosofia [é] platonismo às avessas: quanto mais distante do verdadeiramente existente, tanto mais pura, bela e boa é ela... (NIETZSCHE, 1887-1889, p. 156 apud BARROS, 2002, p. 29)*

A partir de tais premissas analisadas acerca de um projeto crítico nietzscheano, ele a desenvolve tendo como base fundamental a filosofia schopenhaueriana, mais precisamente a noção de *Vontade (Wille)*. Segundo a apropriação conceitual que o jovem Nietzsche realiza de seu antecessor, é possível destacarmos que o selo original da existência não seria mais associado à razão, mas sim à própria *vida*, a qual é apresentada como *Vontade* nebulosa e enérgica.

Ao nos debruçarmos acerca das influências presentes na primeira formulação estética nietzscheana, cabe a nós analisarmos a importância do autor de *O Mundo como Vontade e Representação* e seu respectivo viés pessimista no que diz respeito ao estabelecimento de uma metafísica, assim como buscar de forma elucidativa delinear os caminhos que Nietzsche empreende ao tratar da superação do pessimismo schopenhaueriano com uma proposição afirmativa da *vida*.

## **2.1 Schopenhauer e a vontade**

A obra *O Mundo como Vontade e Representação*, publicada em 1818, expressa em seu conteúdo mais íntimo a profunda noção de Schopenhauer acerca da existência. Tomando como base a estruturação do conceito de *Vontade (Wille)*, a qual representa em sua essência o mundo, é possível destacarmos a valorização dada pelo antecessor de Nietzsche ao *impulso (Trieb)* cego e orgânico que possui a caracterização de ser a fonte geradora do universo, sendo que a multiplicidade presente nele está associada ao conceito de *representação (Vorstellung)*, que é em sua estrutura teórica a expressão fenomênica da *Vontade*.

Para compreendermos como se dá a dinâmica entre vontade e representação, é necessário não perdermos de vista que as representações endereçadas pelo homem se articulam e organizam-se no *espaço e no tempo*. Dessa forma, voltaremos nossas atenções para a análise de dois princípios basilares: o princípio de individuação e o de razão suficiente.

*A diversidade que se apresenta nada tem de caótica, é regrada e articulada no espaço e no tempo. Dois princípios compõem o mundo e guardam a sua ordem: o princípio de individuação e o de razão suficiente. (REDYSON, 2010, p. 255-269)*

O princípio de individuação<sup>3</sup> pode ser entendido como a dinâmica de organização, ordenamento e multiplicação dos fenômenos realizada pelo espaço e o tempo. Já o princípio de *razão*, engloba o princípio de razão suficiente, ou seja, ele está condicionado à permissibilidade do discernimento da raiz conceitual da causalidade de um dado fenômeno, uma dada representação. Para as nossas pretensões, é importante ressaltarmos que a razão para Schopenhauer é distinta do modelo expresso pela via socrático-cartesiana.

Isto ocorre devido ao conceito de “verdade” ser inacessível para os indivíduos, segundo o filósofo alemão. Apesar do universo e os fenômenos que o compõem serem explicáveis e entendidos por meio da razão, esta não passa de um aparato ilusório, já que a verdade está ligada de forma exclusiva à Vontade. Rosa Maria Dias atesta para a influência kantiana na obra de Schopenhauer e a introdução da perspectiva que compreende a relação contrastante entre Vontade e representação:

---

<sup>3</sup> Schopenhauer apreende o termo em questão da filosofia escolástica, a qual fundamenta essa noção para buscar solucionar determinadas problemática advindas da teoria dos universais. Em linhas gerais, os escolásticos legitimam essa ideia para exemplificar como seres da mesma espécie se distinguem ao ponto de serem constituídos como seres individuais distintos (por exemplo, a espécie homem).

*O ponto de partida do pensamento de Schopenhauer encontra-se na filosofia kantiana. Ele se utiliza da distinção feita por Kant entre mundo dos fenômenos e da coisa em-si e introduz, em sua metafísica, algo que não existe no kantismo: o contraste entre a representação e a vontade, a pluralidade e a unidade. O mundo como representação é o mundo tal que nos aparece em sua multiplicidade e em suas numerosas particularidades. A diversidade que se apresenta nada tem de caótica, é regada e articulada no espaço e no tempo. Dois princípios compõem o mundo e guardam a sua ordem: o princípio de individuação e o de razão suficiente. (DIAS, 1997, p. 8)*

Ao introduzir em sua metafísica a relação entre vontade e representação, Schopenhauer realiza um movimento que não aparece no kantismo, e descreve que, apesar de tão vistoso ordenamento, o mundo das representações não passaria de uma “insana quimera” se não houvesse algo de cunho metafisicamente real e hierarquicamente superior, ou seja, o mundo como *Vontade*. Dessa forma, é possível vislumbrarmos a principal discordância do pensamento nietzschiano em relação ao do seu antecessor, a qual se estabelece na máxima da vontade como aspecto metafísico fundamental.

A teoria exposta em *O Mundo como Vontade e Representação* suscita a inquietante reflexão: como estabelecer contato com o emblemático “mundo da vontade”, caracterizado pelo pessimismo metafísico e distanciado de qualquer representação ilusória e aparente da esfera espaço-temporal? Segundo Schopenhauer, o corpo representa a via de acesso para a realidade mais íntima, e, nesse instante, uma suposta contradição se estabelece: se o corpo habita a esfera espaço-temporal, caracterizada por ser o campo de apresentação e manifestação dos fenômenos, os quais são marcados pela superficialidade ilusória, como seria possível então acessar a essência pelo corpo? O filósofo alemão esclarece a partir da ideia de que tal premissa não deve ser vista pensando o corpo como um fenômeno ou uma representação alocada no espaço e tempo, mas como uma via de acesso imediata para os sentimentos mais íntimos do indivíduo.

O mundo da vontade e sua caracterização metafisicamente pessimista podem ser compreendidos de forma assertiva ao observarmos a dinâmica da vida afetiva. Dessa forma, é necessário ressaltarmos que o âmago da existência é permeado pelas frustrações,

mas também pelas alegrias, pelo desejo e pela falta, pelo prazer e pelo desprazer. É exatamente a partir dessa alternância que a *Vontade* surge como princípio gerador de tudo, sendo irracional e incontrollável, além de estar condicionada ao perpétuo enigma da eternidade.

Schopenhauer salienta que apesar da vontade ser a mola propulsora, o desejo insaciável que se manifesta no homem, ela se objetiva primeiramente na imutabilidade formal das “ideias platônicas”.

*“A ideia platônica” escreve Schopenhauer, “é necessariamente objeto, algo reconhecido, uma representação e, justamente devido a isto, distinta da coisa-em-si. Ela se despojou apenas das formas subordinadas do fenômeno, todas por nós compreendidas sob o princípio de razão, ou melhor, ainda não as adotou, contudo, manteve a forma primeira e mais geral, a da representação do ser em geral, do ser objeto para o sujeito.”*  
(SHOPENHAUER, 1966, apud DIAS, 1997, p. 9)

As ideias platônicas representam para Schopenhauer o estágio embrionário das objetivações do “querer sem dono” na natureza, habitando assim uma realidade intermediária entre a vontade cega, irracional e a realidade espaço-temporal. São exatamente as formas imutáveis e eternas que modelam a aparição das representações no mundo regido pelo princípio de individuação e causalidade (*razão*). Assim, sendo a vida marcada pela essência da vontade, que é em sua pureza a busca insaciável pela satisfação, o devir intrínseco como característica fundamental, acarreta a compreensão de que a vida em sua realidade indubitável é marcadamente eterna.

Dessa forma, para que a avidez ininterrupta da vontade busque satisfazer-se, é necessário que ela seja multiplicada nos fragmentos fenomênicos e representativos da esfera espaço-temporal, incluída em cada parcela dos acontecimentos de sucessão da vida, desde o nascer até o perecer incessantes. Tudo isso é possível, tendo em vista o processo dinâmico realizado pelos princípios de individuação e *razão*, os quais ordenam e individualizam de maneira mediata o mundo como conhecemos, sendo reservado às ideias o papel de objetivação imediata da vontade.

## 2.2 Schopenhauer e o pessimismo

*“Se encararmos”, diz Thomas Mann, “como oposto da satisfação beata, a vontade é em si mesma uma infelicidade fundamental: é insatisfação, esforço em vista de algo, inteligência, sede ardente, cobiça, desejo, sofrimento.” (MANN, 1967, p. 311 apud DIAS, 1997, p. 10)*

Há uma certa predisposição dos leitores e estudiosos da filosofia schopenhaueriana em fixar a alcunha de “pessimista” ao filósofo. Ao aprofundarmos o estudo acerca da obra metafísica de Schopenhauer, iremos encontrar diversas interpretações voltadas para a ideia de que a caracterização obtida por ele, partindo do pressuposto de um pessimismo filosófico, possui fonte originária na teorização da *Vontade* como cega, irracional e insaciável. Porém, seguindo a perspectiva fundamentada por Thomas Mann, é possível afirmarmos a definida e real compatibilidade entre o pessimismo e a vontade, e isto só é possível devido à constatação de que o “universo dos desejos insaciáveis” representa o pano de fundo originário das decepções e dos desprazeres.

Para que possamos compreender a raiz infável do pessimismo schopenhaueriano, olhemos para os desdobramentos da “teoria das Ideias”. Segundo Schopenhauer, a vontade possui um grau de hierarquização no que diz respeito à forma como ela busca se objetivar no mundo fenomênico. Os seres inanimados, caracterizados pelas forças que transitam na natureza, possuem um grau de objetivação menor da vontade tendo em vista os seres animados, ou seja, os indivíduos. A grande chave para entender a complexa teoria platônica interpretada às luzes da filosofia schopenhaueriana, reside justamente na máxima de que a descrita hierarquização é estática, não evolutiva. Os patamares superiores e inferiores de objetivação da vontade, somente são possíveis ser descritos devido à sua coexistência desde a eternidade, assim como as formas platônicas, as quais são eternas e imutáveis. Voltemos agora nossa atenção para a dinâmica do mundo fenomênico.

A marca fundamental da vontade está diretamente ligada ao seu aspecto insaciável e devorador, sendo assim é justa a afirmação de que este desejo, que jamais pode encontrar um ponto de equilíbrio, se manifesta no mundo dos fenômenos e visa objetivar-se por meio de batalhas incessantes, uma luta de todos contra todos para que o desejo, cuja natureza é cega e irracional, seja saciado. Contudo, a saciedade não identifica um ponto de congruência que abarque sua completude, as plantas e os vegetais servem de alimento para os animais que também são vítimas para predadores mais sagazes, o homem por sua vez possui o aditivo do ego e classifica tudo aquilo o que existe no mundo como uma possibilidade de exercer seu domínio, tornando ainda mais voraz a lógica do devir: a vida é uma luta de todos contra todos.

A partir da próxima seção, a análise será voltada de forma mais específica para a influência da filosofia schopenhaueriana na primeira formulação estética de Nietzsche e para a conceituação do *Uno-primordial*. Também será realizado o aprofundamento acerca da importância dada por Schopenhauer à “contemplação estética” e a possibilidade de escapar momentaneamente da tragicidade inerente à vida.

### 2.3 Schopenhauer e o antídoto estético

Para escapar da voracidade insaciável e dolorosa do mundo da *Vontade*, Schopenhauer aponta como uma das vias o universo da “contemplação estética”, o qual será de extrema importância para os desdobramentos da filosofia do jovem Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*.

*Schopenhauer encontra na contemplação estética a possibilidade para transcender o modo comum de se perceber o mundo, para se libertar do desejo, da vontade e apaziguar temporariamente a dor. Por meio da arte “nos subtraímos, por um momento, à odiosa pressão da vontade, celebramos o sabá da servidão do querer, a roda de Ixion<sup>4</sup> se detém.” (DIAS, 1997, p. 13)*

---

<sup>4</sup> Íxion é caracterizado na mitologia grega como a figura paterna dos centauros, título que fora concebido tendo em vista sua união com Néfele. Após destinar injúrias à Zeus, Íxion é

A transcendentalidade característica da percepção estética está atrelada ao fato de que sua composição não se manifesta na ótica do princípio de causalidade ou sob os domínios do universo espaço-temporal. Dessa forma, a via estética é regida pelo movimento imediato e objetivo, de modo que pode ser descrita por meio do viés de uma representação intuitiva pura, destituída da roupagem conceitual que a razão e o entendimento viabilizam.

Esse aspecto transcendental da percepção estética faz com que o indivíduo se mantenha imerso no objeto da percepção, canalizando assim toda a visão objetiva contida no sujeito. A engrenagem complexa articulada por Schopenhauer ao descrever os meandros da contemplação estética, reside na sua desarticulação com o mundo da vontade, ou seja, os fenômenos e os objetos associados a ela não estão inseridos na ótica voraz e insaciável da vontade. Isso faz com que o indivíduo, a partir de toda sua objetividade, se torne sujeito puro de conhecimento, sendo então desprendido das mazelas aniquiladoras da satisfação da vontade nos objetos.

Schopenhauer atesta que a contemplação estética é capaz de se desvencilhar do tormento causado pela luta incessante de todos contra todos, característica fundamental do mundo da vontade. A independência em relação ao princípio de causalidade, permite que o sujeito puro de conhecimento contemple o objeto de maneira intemporal, anulando a “Roda de Ixion”, caracterizada pelo tenebroso sofrimento eterno causado pelos desejos incontroláveis.

A intemporalidade citada é fruto do distanciamento da unidade espaço-temporal empreendida pela percepção estética: não há presente, passado ou futuro, assim como inexitem as respectivas dores associadas intrinsecamente a esses estados temporais, como a dor, o remorso ou a ansiedade causada pelo desejo do que poderá ou não ocorrer. O que existe, de maneira objetiva, é o tempo artístico, o tempo da arte, o qual emana do sujeito puro do conhecimento a sensação de liberdade advinda da contemplação pura. O indivíduo artista empreende sua contemplação destituída do princípio de razão e causalidade, não dependendo assim da localização no universo espaço-temporal. Portanto, aquilo o que é contemplado não são os objetos propriamente ditos, mas sim as

---

condenado por ele às profundezas do submundo para ser amarrado em uma estrutura semelhante a uma roda, a qual deveria girar por toda eternidade enquanto Íxion também seria queimado.

*ideias* de Platão, ou seja, a luminosidade mais bela e fundamental das coisas particulares, a sua forma significativa mais essencial. Tais questões levam a crer que, para Schopenhauer, a tragicidade da existência pode ser amenizada momentaneamente por meio da contemplação estética, a fugacidade da vida por meio da arte representa um ato de resistência perante a eterna e dolorosa instabilidade do mundo regido pela vontade.

### 3 NIETZSCHE E A VIDA

Como dito anteriormente, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche foi marcadamente influenciado por Schopenhauer na sua primeira formulação estética. O conceito de *Vontade* fomentado pelo antecessor de Nietzsche, o qual fora desenvolvido tendo em vista a formulação contrastante que Immanuel Kant realiza em relação ao fenômeno e coisa-em-si, proporcionou ao jovem filólogo alemão que a inquietação perante os valores da tradição filosófica ocidental fosse lapidada.

Ao passo que Schopenhauer adentra o campo ontológico da coisa-em-si e sistematiza que a fonte originária do mundo fenomênico é a *Vontade*, Nietzsche atesta que a enigmática teoria do *Uno-primordial* (*das Ur-Eine*), a qual pode ser designada como o pano de fundo metafísico de sua obra, representa de fato o germe embrionário de todo o universo. Apesar da evidente semelhança entre as proposições filosóficas, seria leviano e incoerente sistematizar que os dois conceitos representam a mesma coisa:

*Devido à mencionada influência decisiva de Schopenhauer na primeira fase da produção nietzscheana, como também a certas formulações de GT<sup>5</sup>, é-se muitas vezes tentado a identificar simplesmente o Uno-primordial à Vontade. Este porém, é um equívoco que o próprio Nietzsche tratou de dirimir nos Fragmentos Póstumos, onde a Vontade é designada explicitamente como “forma fenomênica (Erscheinungsform) mais geral de algo para nós, de resto, indecifrável”. (BARROS, 2002, p. 31)*

Ao estabelecermos a análise do fio condutor basilar da filosofia schopenhaueriana no que diz respeito à *Vontade* como coisa-em-si, é possível a tratarmos como a origem do mundo fenomenal, impulso voraz e insaciável, da qual todos os seres são gerados e desempenham sua ávida e infundável trajetória voltada para o abastecimento dos desejos. Tudo aquilo o que está além da *Vontade* e das ideias platônicas são manifestações

---

<sup>5</sup> Abreviação utilizada por Márcio Benchimol do termo em alemão *Die Geburt der Tragödie* (O Nascimento da Tragédia)

superficiais, fenômenos orientados no tempo e no espaço e racionalizados por meio dos princípios de individuação e causalidade.

Na medida em que reiteramos o arcabouço conceitual da doutrina exposta por Schopenhauer, é cabível visualizarmos a problemática apresentada por Nietzsche e como se diferem a enigmática teoria do *Uno-Primordial* e a *Vontade* como coisa-em-si. A seguir, o trecho refere-se aos *Fragmentos Póstumos*, no qual o sucessor do filósofo da *Vontade* aponta para a central desarticulação entre as duas teorias:

*Solução do problema schopenhaueriano: a nostalgia pelo nada ...Aquele auto-supressão da Vontade ...é possível porque a própria Vontade nada mais é que aparência e o Uno-primordial apenas tem nela um fenômeno (Erscheinung). (NIETZSCHE, 1871, apud BARROS, 2002, p. 31)<sup>6</sup>*

A divergência que reside no âmbito nietzschiano em relação a fonte originária de todas as coisas, dialoga com a não determinação de um significado absoluto para a *Vontade*. Olhemos para a percepção acerca da vida nos dois filósofos: na teoria schopenhaueriana a vida nada mais é do que uma manifestação superficial da *Vontade* e, sendo assim, fenômeno da coisa-em-si. Entretanto, o jovem Nietzsche sistematiza a vida em sua doutrina como a mola propulsora de toda a realidade, a chave sublime e essencial que faz emergir o mundo fenomênico e não está em uma instância hierarquicamente inferior à *Vontade*.

### **3.1 Uno vivente (*Eine lebendig*)**

Para que o Uno-primordial ganhasse os contornos adequados à representação do fundo originário do universo, Nietzsche o denomina como *uno vivente*. Contudo, essa conceituação pode ser compreendida como sendo a própria vida, chamando a atenção

---

<sup>6</sup> É possível destacarmos que, para Nietzsche, a *Vontade* é caracterizada como um fenômeno que é fruto do Uno-primordial, já para Schopenhauer, o fenômeno é compatibilizado como sendo a própria coisa-em-si.

para a “unidade que vive”, o uno que é fundamental e luminoso para a existência da realidade dos seres e das coisas. A ideia que circunscreve a aparição dessa significativa palavra nos escritos de Nietzsche, perpassa pela necessidade em reiterar a problemática existente na visão schopenhaueriana.

Segundo Schopenhauer, negar a vontade seria o mesmo que decretar a negação da vida, além de representar uma via alternativa e duradoura para escapar da tragicidade inerente à existência, já que a contemplação estética aparece como uma possibilidade de fuga momentânea. É indubitável que Nietzsche atribui a fundamentação de sua primeira formulação estética com base na influência schopenhaueriana do mundo da *Vontade*, contudo sua filosofia germina com o ímpeto avassalador de afirmação da vida.

A enigmática teoria do *Uno-primordial* (*vida* ou uno vivente) representa a designação associada ao atributo primeiro e fundamental da realidade como um todo, sendo que a vontade, para Nietzsche, não reside na mesma prateleira conceitual, o que possibilita sua negação sem desempenhar uma atitude negativa para com a vida.

É a *vida*, e não a *Vontade*, que Nietzsche diz existir “no fundo das coisas” (*im Grunde der Dinge*). A *Vontade* pode ser negada porque esta negação não implica a negação da vida. Mesmo as mais completas negações da *Vontade*, como o caso da a “nostalgia pelo nada” (*Sehnsucht in `s Nichts*) budista<sup>7</sup>, servem, em última instância, aos interesses da vida. (BARROS, 2002, p. 32)

A vasta multiplicidade contida no mundo fenomenal tem sua origem atrelada à unidade primordial sublime e absolutamente anterior a qualquer vivente. Assim, o *Uno-primordial* contém em si a essência de todos os seres, portanto a infinita miríade de viventes representa a única unidade primordial possível, a qual é capaz de gerar toda vitalidade da natureza e fazer com que a percepção acerca da pluralidade fenomênica seja explicada como sendo a superfície registrada pelas aparências. Dessa forma, Nietzsche

---

<sup>7</sup> Schopenhauer aponta para a solução definitiva perante o sofrimento e a dor: a negação do querer-viver empreendida, principalmente, pelo budismo.

atesta para o fato de existir apenas uma *vida* manifestando-se na completude da natureza, o mundo como um único organismo pulsante.

### 3.2 Influência romântica

O romantismo alemão e seu ímpeto em desestruturar a tradição supressora da moral cristã em relação à proeminência dogmática no campo da cultura, assim como sua inigualável característica de ultrapassar a esfera de um movimento artístico e solidificar sua representatividade na ciência e na filosofia, fizeram com que o ideal romântico desbravasse fronteiras ao consolidar-se como um forte precursor da crítica ao homem teórico no século XIX.

*“Não há mais alta revelação, tanto na ciência como na religião ou na arte, que aquela da divindade do todo: bem antes, ciência e religião somente partem dessa revelação e têm sentido somente por ela”* (SCHELLING, 1805, p. 23-24, apud DE SOUZA, 2010, p. 32)

A partir do envoltório imagético que Nietzsche expõe acerca do *uno vivente*, não é viável ausentarmos a análise acerca da influência que o pensamento romântico ao final do século XVIII exerceu na cultura germânica, já que a doutrina do jovem Nietzsche busca solucionar a problemática relativa à proposta schopenhaueriana de negação da vida. Em 1799, Friedrich Wilhelm Schelling<sup>8</sup> realiza a publicação de sua obra *Erste Entwurf zu einem System der Naturphilosophie*<sup>9</sup>, a qual possui extrema importância para a congregação entre o romantismo e a filosofia. O fator luminoso da obra consiste na concepção da filosofia como um saber inteiramente voltado para a junção e respectiva compreensão de todos aspectos da existência no ambiente natural, transmitindo assim ao

---

<sup>8</sup> Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1884): companheiro de Hölderlin e Hegel, promoveu um contato mais próximo com os românticos no momento em que fora designado para o cargo de professor na Universidade de Jena, tendo em vista a mediação realizada por Goethe.

<sup>9</sup> *Primeiro rascunho de um sistema de filosofia natural* (SCHELLING, 1799)

conhecimento filosófico, um caráter exclusivamente associado a uma unidade ontológica da natureza.

Dessa forma, Schelling inaugura o ideal romântico com base na proposição ontológica da unidade entre o ser e o ambiente que o permeia, sendo que a pluralidade cultural existente no âmbito da sociedade e os arquétipos morais do homem representam em sua diversidade as formas singulares de manifestação que refletem a unidade da natureza. A *Naturphilosophie* do filósofo alemão Schelling representa o grande e influente berço intelectual dos irmãos Schlegel<sup>10</sup> e Novalis<sup>11</sup>, fundadores do romantismo. Tal influência requer a seguinte compreensão: os fundamentos da perspectiva romântica germinam a partir da noção ontológica que pretende dissecar o verdadeiro sentido da unidade da existência.

As semelhanças entre o pensamento romântico e a filosofia nietzscheana baseiam-se na prevalência da arte sobre a ciência, a oposição perante a trajetória mecanicista newtoniana, a qual vislumbrava cada vez mais fixar-se socialmente e cientificamente na busca pela apreensão do significado da existência e, principalmente, na consolidação da visão organicista do mundo.

Tendo em vista o que fora dissertado anteriormente acerca da *Naturphilosophie* de Schelling, é possível visualizarmos de maneira incontestável sua importância para que o embrião da perspectiva romântica do mundo se consolidasse. A interdependência e a correspondência das infinitas miríades inseridas na totalidade do cosmos só poderiam ser explicadas a partir da noção organicista. Nos *Fragmentos Póstumos*, Nietzsche atesta que não existem *partes separáveis*, o que há é um único organismo que compreende em si a totalidade vital do universo, um princípio originário global responsável pela manifestação da pluralidade dos fenômenos. Assim, o movimento adequado à diversidade fenomênica e a unidade organicista, é interpretado por Nietzsche perante a dinâmica da multiplicidade que reside no mundo e a unidade do *Uno-primordial*.

---

<sup>10</sup> August Wilhelm Schlegel (1767-1845) e seu irmão Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel (1772-1829) são responsáveis pela fundação da revista *Athenaeum*, a qual se destaca com grande relevância na primeira fase do romantismo alemão. Além de receberem elogios associados ao fato de representarem extraordinários poetas e filósofos respeitáveis, foram marcadamente grandes filólogos.

<sup>11</sup>Georg Philipp Friedrich von Handenberg (1772-1801), conhecido principalmente pelo pseudônimo Novalis, representa o ilustríssimo poeta, autor e filósofo criador de um dos principais atributos simbólicos referentes ao romantismo, denominado “flor azul”. Tal símbolo, possui uma de suas características associadas à prevalência da arte sobre a inteligência lógica.

*Toda a profusão de metáforas com que o Uno-primordial é nomeado e a própria expressão “Uno-primordial”, bem como o adjetivo “misterioso” (geheimnissvoll), que vez por outra lhe acompanha, tudo isto pode ser visto como símbolos daquela incognoscibilidade e mesmo inominabilidade que a mística romântica atribui à totalidade divinizada. (BARROS, 2002, p. 34-35)*

É inegável que a visão enraizada nas bases do ideal romântico, a qual germinou a partir da noção ontológica de unidade da natureza, possui conciliação com o ímpeto nietzscheano acerca do Uno-primordial<sup>12</sup>. O fator determinante que permite o advento de reflexões enfáticas perante tal cenário resguarda-se na concepção da preeminência do não-consciente sobre o consciente por meio da incursão reconciliadora romântica do homem com a natureza, transmitindo assim o ideal de redenção final do ser humano. Nietzsche empreende uma caminhada que vislumbra a assertividade do homem em relação à vida, mesmo que a avassaladora realidade seja aquela dirimida nos *Fragmentos Póstumos*:

*Existe apenas uma vida: onde quer que ela se manifeste, manifesta-se como dor e contradição. (NIETZSCHE, 1871, apud BARROS, 2002, p. 32)*

Assim, o ávido e potente espírito dionisíaco aparece como condutor sublime da *consolação metafísica* descrita no início da obra *O Nascimento da Tragédia*. Mais especificamente, tal respaldo é dado já no primeiro capítulo, o qual é marcado pela profusão da influência romântica sofrida por Nietzsche, seja pelas menções diretas à Beethoven e indiretas à Schiller ou pelo aparecimento dos arquétipos atribuídos ao ideal

---

<sup>12</sup> “É esta ideia que vemos ressurgir na *alma do mundo (Weltseele)* de Schelling e na *sobrealma (Oversoul)* de Emerson (autor particularmente importante para o jovem Nietzsche). Ela está presente em Herder, em Goethe e na *Filosofia da Vida (Philosophie des Lebens)* de Friedrich Schlegel.” (BARROS, 2002, p. 34)

de divinização mística da natureza, atitude reflexiva própria do romantismo alemão. O homem teórico deve ceder espaço ao invólucro místico do *Uno-primordial*, cuja percepção é enfatizada pela instância hierarquicamente superior do *uno vivente* em detrimento de toda e qualquer forma de conhecimento. Cabe também ressaltar que os meandros da perspectiva reintegradora do indivíduo para com a natureza estão atrelados à deterioração de toda inteligibilidade, caminhando assim rumo à reconciliação da unidade com o todo.

Ao dirigirmos a análise acerca da profunda e enigmática teoria do Uno-primordial, é necessário compreendermos as diversas influências que levaram Nietzsche a fundamentar as bases de sua primeira obra, observar as ferramentas intelectuais, marcadamente alemãs, que serviram de absorção para a primeira formulação estética nietzschiana. Em 1886, na *Tentativa de Autocrítica*, o filósofo alemão destila comentários autopunitivos em relação ao seu afastamento perante a máxima de negação da vida schopenhaueriana se dar a partir de uma mera apreensão dos ideais românticos. Porém, o intuito desta pesquisa é conceber a totalidade conceitual que a noção acerca do uno vivente representa e, para isso, faz-se necessário abarcar as diversas estratégias incorporadas em diferentes fases de seu pensamento, sejam elas associadas ao jovem e promissor filólogo alemão de 1871 ou atribuídas ao filósofo Nietzsche de 1886.

#### 4 O UNIVERSO DA VONTADE EM SCHOPENHAUER E O UNO-PRIMORDIAL EM NIETZSCHE

A proposta do atual capítulo possui como pressuposto essencial o aprofundamento da análise sistemática acerca da absorção dos conceitos schopenhauerianos pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche. A partir da fundamentação da enigmática teoria do *Uno-primordial* (*das Ur-eine*), Nietzsche reflete sua trajetória marcada pela influência do pessimismo metafísico de Schopenhauer, assim como seu respectivo afastamento e busca pela superação da proposta schopenhaueriana de negação da vida, dirimida em *O Mundo como Vontade e Representação*.

O avassalador ímpeto dionisíaco apresentado por Nietzsche será objeto crucial para o desenvolvimento de nossas reflexões que concernem às visões contrastantes entre o pessimismo metafísico de Schopenhauer e a teoria do *Uno-primordial* presente em *O nascimento da tragédia*. O princípio que delimita as bases do conceito de Vontade está atrelado ao caráter cego e irracional, voraz e insaciável, impetuoso e pulsante, que rege as diretrizes do mundo representativo na busca pela satisfação plena do desejo, mesmo que esta seja impossível. Dessa forma, a existência estaria fadada aos percalços causados pelo sofrimento inerente à impossibilidade do abastecimento pleno das pulsões, sendo necessário negar a vida em vista de suportá-la. Parafraseando Georg Simmel, “[...] em Schopenhauer o homem é o superado e para Nietzsche aquele que supera.” (SIMMEL, 1915)

Ao analisar o processo que envolve a ruptura da filosofia de Nietzsche em relação às formulações schopenhauerianas, é necessário que nossos olhares sejam instigados a compatibilizar tal distanciamento a partir de um contexto que foi sendo desenvolvido ao longo da obra *O nascimento da tragédia*. Em 1870, na produção do texto *A visão dionisíaca do mundo*<sup>13</sup>, escrito pelo jovem olhar nietzschiano, a influência estética de Schopenhauer é escancarada tendo em vista o prisma musical e sua marca sublime na categorização das expressões artísticas.

---

<sup>13</sup> Momento crucial para que o jovem Nietzsche exponha de maneira inédita suas concepções acerca do par conceitual apolíneo-dionisíaco.

*Esta ruptura já se mostrava na mudança de interpretação sobre a arte e em especial sobre a música. No texto A visão dionisíaca do mundo, de 1870, observa-se uma leitura mais fiel de O mundo como vontade e representação sob o aspecto musical, do que em O nascimento da tragédia, no qual já se percebem indícios de um afastamento em relação à metafísica de Schopenhauer. (PAULA JÚNIOR, 2006, p. 47)*

Nietzsche atesta para a validação da música como expressão artística sublime, a qual é capaz de representar a verdadeira essência da Vontade, ideia esta dirimida no texto *A visão dionisíaca do mundo*. Porém, o pessimismo metafísico desenvolvido ao longo da obra *O Mundo como Vontade e Representação*, ao afirmar a música como o meio de manifestação direta da *Vontade*, causa em Nietzsche, mais precisamente no fragmento 12 dos *Fragmentos Póstumos*, determinada indisposição perante o prosseguimento fiel às ideias de seu mestre. Segundo à visão nietzschiana, as bases edificadas diante da perspectiva estética de Schopenhauer apontavam uma intrigante contradição: como a música seria a representação mais sublime de algo que não pode ser representado? A vontade, sendo coisa em si, não pode ser representada.

O aparato contraditório se estabelece e Nietzsche caminha a passos largos para o distanciamento do pessimismo metafísico. Observemos o caráter essencial que compõe o universo da música, o qual pode ser exemplificado pela via schopenhaueriana como o meio de acesso ao prazer consolador. Se o cenário se estabelece dessa forma para Arthur Schopenhauer, a noção nietzschiana possui como alicerce primeiro o estabelecimento do princípio originário como a fonte não somente dos prazeres mais elevados, mas também das dores mais profundas. Ao mesmo tempo que a proposição de negação da vida do filósofo que recebe a alcunha de pessimista visa dissipar qualquer abismo doloroso, ele mesmo desfruta do sentimento extático causado pelo vislumbre musical. Porém, Nietzsche disserta acerca do êxtase contido na aceitação das mazelas do mundo, no enfrentamento das desilusões inerentes à existência, a reconciliação do indivíduo com sua natureza intensa e igualmente nefasta e prazerosa. Tais fenômenos são impulsionados pelo coro trágico, os quais Schopenhauer problematiza serem autodestrutivos e opta pela fugacidade.

José Thomaz Brum indica o cerne da contradição exposta por Nietzsche em relação ao seu antecessor:

*Ele experimenta uma satisfação estética nesse mundo à parte nessa 'língua do sentimento e da paixão'. A filosofia schopenhaueriana da música, que representa a coisa em si efetivamente a cantar, revela um pessimista que se submete ao poder efêmero da consolação pelo som. (BRUM, 1998, p. 94, apud PAULA JÚNIOR, 2006, p. 48)*

Diante disso, a via que transgride momentaneamente a profunda dor da existência, segundo Schopenhauer, é a música, a qual manifesta a essência da vontade e acalenta em certa medida seu ímpeto voraz. O corpo é acalentado perante o sofrimento devido a capacidade que o antídoto estético detém de elevar o indivíduo ao êxtase prazeroso causado pelo som. A vontade como impulso e desejo irracional, cego, avassalador e impetuoso, princípio originário de toda e qualquer manifestação regida pelo espaço e tempo, o qual objetiva-se em ideias e representações fenomênicas, impulsiona a vida na direção do caos referente ao ato de consumir a si mesma.

O âmbito da tragédia grega diz respeito à essencialidade da enigmática teoria do *Uno-primordial*, uma espécie de fusão mística que delineia o traço fundamental da metafísica do artista, na qual coincidem natureza primeira e última de todas as coisas para Nietzsche. Toda fundamentação expressa é refletida perante o transbordamento da existência e a respectiva resignação que a tragédia e o coro trágico propagam, seja na esfera do prazer ou da dor, os sentimentos mais intensos e contraditórios quanto às suas caracterizações são a marca fundamental do elemento originário. A tese do *Uno-primordial* remete a diversas nomações, sejam elas Fundo Originário, Fonte Primaveril e, principalmente, Vontade, termo que ratifica a influência schopenhaueriana. Regida pela abundância de vida em todos os seus sentidos, sem deixar escapar a embriaguez do espírito dionisíaco, a força vital de toda natureza não seria digna da fugacidade premeditada por Schopenhauer.

Quando pautamos a análise nos meandros de *O nascimento da tragédia*, fortifica-se a noção clara acerca da influência schopenhaueriana na obra de Nietzsche, porém com

um certo teor associado ao distanciamento em relação à compatibilidade do princípio originário e da vontade, mesmo que não haja uma forma tão explícita de realizar tal movimento teórico, como ocorre nos *Fragmentos póstumos*. A percepção que sistematiza a ruptura concreta do discípulo para com o pessimismo metafísico de seu mestre, está diretamente interligada à noção da impossibilidade de acessar o caráter essencial do fundo originário. A vontade não seria a coisa em si para Nietzsche, mas sim um fundamento pulsional preponderante na escala hierárquica das representações regidas pelo espaço e o tempo, podendo ser descrita como ... *forma fenomênica (Erscheinungsform) mais geral de algo para nós, de resto, indecifrável* (NIETZSCHE, 1871, apud BARROS, 2002, p. 31). O *Uno-primordial*, o ser vivo indeterminado que contém em si a totalidade da força vital da natureza, é consolidado pela voz nietzschiana a partir de sua potência e pela incapacidade de acessar a essência da profundidade enigmática por completo.

Assim, cabe a nós ressaltarmos com clareza que o universo estético para Nietzsche, representado pela música trágica que emerge da tragédia grega, é o próprio eixo central do movimento de manifestação da fonte originária<sup>14</sup>. Em contrapartida à fugacidade pretendida por Schopenhauer em relação ao mundo, a estética alicerçada pelos pressupostos nietzschianos vai ao encontro do mapa cujo destino é o acesso à essência mais sublime de todas as coisas. A natureza originária não individualizada na qual todos os moventes são gerados, agora pode ser acessada por meio da atividade reconciliadora que as pulsões artísticas empreendem em relação a existência, mais especificamente a partir da dissolução do princípio de ordenamento do mundo, ou seja, o princípio de individuação regido pelo impulso apolíneo, dando espaço dessa maneira para a manifestação da embriaguez dionisíaca

Todos os abismos atrelados à angústia e ao sofrimento da existência delineados por Schopenhauer, são substituídos em Nietzsche diante da resignação pela vida. A transfiguração do desprazer em uma atitude afirmativa da existência representa a marca singular da primeira formulação estética nietzschiana:

---

<sup>14</sup> “Por isso a música dionisíaca responde por grandes transformações nas manifestações simbólicas, introduzindo novos elementos através da força rítmica, da dinâmica e da harmonia. Tudo teria se modificado no cenário apolíneo.” (BURNETT, 2012, p. 15)

*Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares.* (NIETZSCHE, 1872, p. 28)

O componente trágico presente na arte grega pautado na ilusão das belas formas apolíneas em consonância à embriaguez causada pela música dionisíaca, é capaz de estabelecer-se com todo seu poderio diante da multiplicidade de fenômenos e possibilitar a via de acesso à revelação da essência do mundo, o *Uno-primordial*. Com isso é necessário salientar que o movimento realizado por Nietzsche não se estrutura a partir da substituição do pessimismo schopenhaueriano por um determinado otimismo, mas sim pelo fornecimento de uma compreensão da via pessimista pelo âmbito trágico. A grande chave para o alicerce afirmativo da vida não reside na metafísica associada aos moldes transcendentais, ela se circunscreve no aparato dionisíaco manifestando-se na arte. Eis a metafísica de artistas.

[...], *um livro talvez para artistas dotados também de capacidades analíticas e retrospectivas (quer dizer, um tipo excepcional de artistas, que é preciso buscar e que às vezes nem sequer se gostaria de procurar...), cheio de inovações psicológicas e de segredos de artistas, com uma metafísica de artista no plano de fundo, uma obra de juventude, cheia de coragem juvenil e de melancolia juvenil, independente, obstinadamente autônoma, mesmo lá onde parece dobrar-se a uma autoridade e a uma devoção própria, em suma, uma obra das primícias, inclusive no mau sentido da palavra, [...]* (NIETZSCHE, 1886, p. 13)

A impugnação de Nietzsche quanto à formação da metafísica tradicional e seus desdobramentos no modo de pensar do ocidente, é pautada no distanciamento do terreno sólido e irreduzível da razão. O fato de transmitir uma proposição afirmativa do homem em relação à vida faz com que a perspectiva nietzscheana busque desvencilhar-se dos moldes atrelados à metafísica clássica e empreender uma abordagem voltada para a compreensão do conhecimento verdadeiro por intermédio da via estética, mais especificamente pela reconciliação do indivíduo com sua natureza originária, o verdadeiro equilíbrio entre a bela aparência apolínea e o avassalador ímpeto dionisíaco.

O rompimento do princípio de individuação é retrato do formidável florescimento da dimensão dionisíaca, na qual o ordenamento apolíneo é dissolvido em meio ao mergulho na inconsciência embriagante de Dionísio. Dessa forma, a tragédia grega orientada pela presença extasiante do herói trágico concilia tais pulsões contrastantes e exercita a remediação da tragicidade dolorosa representada pela percepção do fundo originário da vida, mergulhando assim na esfera de manutenção e potencialização da vida após o contato imersivo na inconsciência.

No último capítulo desta pesquisa, será analisado como Nietzsche busca transmitir na Antiguidade grega a raiz fundamental para a compreensão da dimensão trágica como via de acesso ao *Uno-primordial*, a partir da coexistência das forças apolíneas e dionisíacas, obtendo em Heráclito e na sua profunda compreensão do devir a chave mestra para a atitude investigativa da existência.

## 5 SUBSÍDIOS PRÉ-SOCRÁTICOS

A ideia de uma unidade primordial que contém em si a essência de todas as coisas não diz respeito a uma determinada originalidade exclusiva do pensamento nietzscheano. Ao estabelecermos uma análise atenta do elemento pré-socrático, é possível dialogarmos acerca da noção associada à multiplicidade dos entes individuais possuírem sua raiz originária atrelada a um ser indeterminado, ou seja, a uma unidade. O uno que dá origem ao múltiplo, o indeterminado que origina o determinado.

As diretrizes semelhantes das doutrinas pré-socráticas relacionadas às terminologias utilizadas por Nietzsche, se circunscrevem não somente na ideia de uma unidade indiferenciada provedora de todos os moventes, mas também compartilham o mesmo pressuposto acerca do destino desses moventes: padecer é retornar para o âmbito da unidade originária indeterminada provedora da vida, a qual é associada ao fluxo do devir incessante. Antes de adentrar o aparato simbiótico mais eficiente protagonizado por Nietzsche e o filósofo de Éfeso, cabe a nós visualizarmos a extensa via pré-socrática que influenciou a concepção do filósofo alemão:

*Anaximandro, por seu turno, considerou ...todo devir como uma delituosa emancipação do eterno ser (... alles Werden wie eine strafwürdige Emanzipation vom ewigen Sein). E o apéiron de Anaximandro, considerado como equivalente à coisa-em-si kantiana, é designado também como verdadeiramente existente (das wahrhaft Seiende), ser primordial (Urwesen), e como unidade primordial das coisas (Ureinheit der Dinge). Já no pensamento atribuído a Empédocles de que “tudo o que vive é um” acreditamos reconhecer a forma escandida da ideia vitalista do uno vivente. (BARROS, 2002, p. 36)*

O ímpeto nietzscheano que visa solidificar o fundamento da unidade originária, busca alimentar-se da análise empreendida pelo próprio filósofo alemão acerca da presença ativa deste pressuposto nas profundezas da cultura grega. A abordagem mitológica referente à deterioração do corpo de Dionísio executada pelos Titãs é

absorvida e alocada na roupagem do simbolismo representado pela dissolução da unidade primordial da existência nos seres moventes. Além da descrita via interpretativa sedimentada por Nietzsche, o filósofo salienta que a fonte originária do mundo delineava seu espaço na história da Antiguidade a partir dos cantos entusiásticos e danças inebriantes entoadas pelos apreciadores da embriaguez dionisíaca. Essa aparição é verificada como sendo anterior ao ordenamento luminoso da individuação apolínea, a qual é categorizada como a chave essencial para o florescimento do meio regido pelas divindades do olimpo.

Nietzsche fundamenta e discorre acerca do arcabouço enigmático e pulsante que rege os meandros do ímpeto dionisíaco com o intuito de formalizar sua proposição afirmativa da vida. A impugnação nietzscheana na qual denuncia a perspectiva padecedora do platonismo em relação ao âmbito civilizatório do ocidente, caminha em ritmo exponencial à reverência dos elementos constitutivos da “sabedoria dionisíaca” que é também denominada “sabedoria popular”:

*Devemos porém bradar a esse observador voltado para trás: “Não te afastes daqui sem primeiro ouvir o que a sabedoria popular dos gregos tem a contar sobre essa mesma vida que se estende diante de ti com tão inexplicável serenojovialidade. Reza a lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir captura-lo, o sábio Sileno, o companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: - Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”.*  
(NIETZSCHE, 1872, p. 33)

Ao realizar tais considerações, o eixo fundamental que evidencia a singular interpretação do filósofo alemão acerca do mundo dos helenos, é, indubitavelmente, o terreno fulminante e avassalador dos caracteres dionisiacos. Não obstante, tal via interpretativa é recepcionada negativamente tanto pela comunidade filológica quanto pela academia filosófica, as quais engendravam uma visão do classicismo grego voltada para o endeusamento e justa-medida das belas formas apolíneas. O aspecto distintivo de Nietzsche representa o mergulho nas profundezas da veracidade trágica que envolve a existência e toda aquela perspectiva enigmática dos desejos ilimitados, a qual escancara a única medida possível a ser tomada pelos gregos tendo em vista a manutenção da vida:

*E assim é possível que o observador fique realmente surpreendido ante essa fantástica exaltação da vida e se pergunte com qual filtro mágico no corpo puderam tais homens exuberantes desfrutar da vida a ponto de se depararem, para onde quer que olhassem, com o riso de Helena – a imagem ideal, “pairando em doce sensualidade”, da própria existência deles.*  
(NIETZSCHE, 1872, p. 33)

Os helenos carregavam consigo o “filtro mágico” transfigurador da arte. A manifestação, potencialização e manutenção da vida só puderam ser corroboradas a partir da possibilidade de vislumbrar a personificação dos belos atributos associados à Helena<sup>15</sup>, a qual representa o embelezamento mais notório da Grécia antiga, podendo assim ser visualizada tal beleza em qualquer canto ao sul da Península Balcânica devido ao papel artístico de transfiguração.

A significação dada à anedota que mostra um diálogo entre o velho sábio Sileno e o poderoso rei da Frígia (rei Midas), nos aciona a compreensão da sabedoria popular grega estar ancorada na figura de Dionísio. Segundo Nietzsche, a inebriante e sombria atmosfera de Sileno evoca a raiz fundamental do pensamento crítico e reflexivo: a efemeridade trágica da existência. Portanto, o povo grego reconhece que a prática

---

<sup>15</sup> Tendo em vista a ótica da mitologia grega, Helena seria filha de Zeus e a representação da mulher com a beleza mais estonteante da Grécia.

temerária do existir conduziria a vida ao aniquilamento de si mesma, sendo necessária a luminosa aparição do ímpeto apolíneo, o qual seria capaz de introjetar e dar luz ao brilhante e manifesto mundo dos deuses olímpicos. Sem a bela aparência dos deuses introjetada pelo universo onírico de Apolo, o “viver” seria a verdadeira marca do impossível. A arte, tida anteriormente como a representante da doutrina dos mistérios, agora pode revelar seu enigma, ou melhor dizendo, sua função cirúrgica e transfiguradora diante da tragicidade inerente à vida anunciada por Sileno.

Atentemos ao projeto nietzscheano de elevação da sabedoria dionisíaca ao status de confluência ímpar entre algumas das principais influências alemãs na fundamentação de *O Nascimento da Tragédia*. Sejam elas schopenhauerianas ou kantianas, Nietzsche aponta no cerne mesmo da obra a apreensão da *sabedoria popular* expressa em conceitos por estes dois filósofos. Contudo, o empenho do jovem pensador alemão na recorrente análise dos pressupostos dionisíacos no decurso da história da filosofia, definitivamente não se restringe aos seus antecessores alemães. Portanto, a denominação “filosofia trágica”, que é endereçada pelo próprio Nietzsche aos meandros da filosofia pré-socrática, nos possibilita a apreensão do combustível necessário para seguir rumo ao entendimento acerca da proximidade entre a filosofia pré-socrática e a tragédia grega.

Nietzsche recorre à máxima fomentada de maneira sintética, porém não menos potente, alocada na sentença “tudo é um” (*Alles ist eins*), para que possamos compreender o profundo parentesco que reside no universo de significação da sabedoria dionisíaca em relação ao aparato teórico da filosofia pré-socrática, cuja perspectiva representa o “coração” da tragédia. Com isso, é possível visualizarmos o minucioso olhar nietzschiano voltado para as formulações de Empédocles, o qual fora objeto de análise para que Nietzsche destilasse em um de seus fragmentos a transparência e objetiva correlação entre a visão do filósofo da Antiguidade e o enunciado que diz respeito à “unidade que vive” (*Einheit alles Lebendigen*). No trecho a seguir, Márcio Benchimol Barros discorre acerca do panorama entrelaçado com o qual Nietzsche se depara vislumbrando as conexões associadas ao uno vivente:

*Nesta mesma perspectiva, as teorias do surgimento do mundo a partir da diferenciação de uma proto-matéria nos aparecem como expressões, já distanciadas de todo antropomorfismo e*

*elevadas a um alto grau de abstração conceitual, da fábula mítica da transformação de Dionísio em ar, água, terra e fogo. Finalmente é de se notar que a formulação que Nietzsche dá à doutrina misteriosa da Tragédia, “... o conhecimento básico da unidade de tudo que existe”, é praticamente idêntica àquela que ele cunhou para expressar o sentido profundo da doutrina de Tales: “a unidade do que é”. (BARROS, 2002, p. 38)*

Tal confluência de pensamentos entre a filosofia nietzscheana e os pré-socráticos não deve ser analisada sob o prisma da perseverança arbitrária do filósofo alemão em simplesmente solidificar o conjunto de suas ideias à esfera da filosofia pré-socrática. A similaridade descrita é fruto do próprio projeto nietzschiano que visa implementar um *modus operandi* associado à forma como os pensadores que antecederam Sócrates delinearão sua prática filosófica. Ao nos debruçarmos acerca das perspectivas que influenciaram o, até então, jovem filólogo alemão, iremos encontrar sem maiores dificuldades hermenêuticas a crítica ferrenha ao homem teórico, fruto da inclinação socrática-platônica que anuncia de maneira ininterrupta a prevalência da razão e seu aparato sistêmico em detrimento do trágico na busca pelo conhecimento verdadeiro.

### **5.1 Crítica ao *modus operandi* socrático**

Realizadas tais considerações, é factível que para Nietzsche, o fundamento essencial que mapeia os contornos necessários à sua crítica perante os desdobramentos da cultura ocidental, circunscreve-se na valorização exacerbada que a teoria platônica concede ao aparato lógico-conceitual. Porém, cabe a nós ressaltarmos observações cruciais com o intuito de desarticular a alcunha, propagada por alguns estudiosos, associada à ideia de que Nietzsche não passou de um mero reacionário ao platonismo reduzindo-o a caracteres demasiadamente simplórios.

Mesmo que os horizontes do filósofo alemão estejam voltados para a deterioração do “projeto socrático”, Nietzsche também salienta a relevância da sensibilidade no projeto epistemológico de Platão. Vejamos a seguinte conjuntura: ao estabelecermos a análise

dos diálogos platônicos, é possível inferirmos que eles possuem como pressuposto fundamental a negação, ferramenta elementar para a invalidação da *doxa* (opinião) como artifício de legitimação do conhecimento, e a *aporia*, caracterizada como o estado de inconclusão da questão filosófica percorrida. A partir disso, o âmbito dialético figura como uma parte do processo de apreensão da verdade, mas não como o movimento último para que ela seja concretizada. O aspecto sensível, a sensibilidade, as representações ilusórias apolíneas, identificam-se presumivelmente como importantes para o processo de contemplação imediata das *Ideias*, em detrimento da sistemática conceitual e dialética.

A crítica nietzschiana descreve a valorização da lógica e do aparato conceitual como sendo o enaltecimento daquilo o que está circunscrito na esfera da incapacidade de demonstração, ... *segundo o qual nós temos naquela faculdade de conceitos (Begriffsvermogen) o mais alto e decisivo critério sobre o ser e o não ser* (NIETZSCHE, 1873-1874). A pesquisadora Viviane Mosé, disserta acerca da visão de Nietzsche em relação ao universo lógico:

*O que a lógica faz, segundo Nietzsche, é sustentar um pensamento em outro pensamento, por isso, fornece o modelo de uma ficção completa. Trata-se de uma maneira de pensar em que um pensamento é posto como causa de um outro pensamento. Desta forma, ao sair do mundo “muito mais complicado” das sensações, a lógica, como um filtro, termina por se impor como um modelo excludente, um aparelho de filtragem que, ao pensarmos, faz com que simplifiquemos a multiplicidade e a diversidade dos acontecimentos, excluindo uma parte da vida, a que diz respeito ao corpo, aos corpos.* (MOSÉ, 2012, p. 119)

Segundo Nietzsche, o empenho pela busca na fundamentação de uma diretriz para o alcance da verdade na Grécia Antiga é resultado do combate por uma convicção sagrada. O aparato lógico floresce de um *agon*, ou seja, do estabelecimento de um cenário que contém lutas e embates regidos pelos seus limites específicos e sustentados fundamentalmente em um campo de batalha repleto de ficções.

O aparato conceitual, para o filósofo alemão, não deveria ser elevado às instâncias hierarquicamente superiores da apreensão do conhecimento verdadeiro, devido a sua natureza de criação estar diretamente interligada à articulação da atividade abstrata realizada pela linguagem:

*Ao trazer a infinidade e a diversidade das coisas para um número limitado de sinais, a linguagem simplifica e esquematiza o mundo. As palavras partem da “identificação do não idêntico”, quer dizer, da necessidade de dar identidade às diferenças, de nivelar e igualar, para efeito de comunicação e acordo. A linguagem, diz Nietzsche, é produto de uma convenção mas surgiu de uma experiência originária, na qual a atividade metafórica e artística humana se manifestou. Mas esta experiência foi esquecida, permanecendo o caráter convencional da linguagem. (MOSÉ, 2012, p. 43)*

Todo o arcabouço dinamizado que corresponde à engrenagem da formatação de conceitos está condicionado pela forma como os símbolos, ou seja, as palavras, empreendem as relações das coisas entre si e para com os indivíduos. A linguagem e as palavras que dizem respeito à sua composição representam assim uma ponte que possibilita o acesso à ficção. *Não são palavras e sons arco-íris e falsas pontes entre coisas eternamente separadas?* (NIETZSCHE, 1883, apud MOSÉ, 2012, p. 42).

Aquele “fabuloso” rumo ao qual as civilizações foram sendo constituídas, a busca incessante pela identidade e a defesa de uma convicção sagrada, delinearam os destinos do universo de significação das palavras no Ocidente. Os signos por sua vez atuam como uma espécie de roupagem linguística que estabelece referência a um universo enérgico, ininterrupto, e, portanto, incapaz de ser apreendido em sua significação plena por meio dos signos linguísticos. As abstrações articuladas pela linguagem são pautadas pelos caracteres do mundo representativo, ou seja, pelas representações. Dessa forma, o âmbito lógico-conceitual não é responsável pelo acesso à unidade primordial de todas as coisas, tarefa essa endereçada ao campo da filosofia trágica.

*O elemento artístico da linguagem é sempre dissimulado em proveito da verdade pretensamente objetiva que ela deve comunicar: o conceito.* (HAAR, 1993, apud MOSÉ, 2012, p. 44)

Tendo em vista o fundamento discorrido anteriormente acerca da fonte originária do universo, indicando que o mundo representa um formidável organismo que gera a si mesmo, expõe-se a característica vitalista do *Uno-primordial*. Assim, é possível pontuarmos que essa perspectiva ganha contornos pré-socráticos a partir do momento em que Nietzsche descreve a essência primeira e última de todas as coisas como sendo esta unidade indiferenciada que contém em si a totalidade da força vital da natureza. Contudo, surge a seguinte questão: o filósofo alemão não estaria compactuando com uma visão demasiadamente teológica? A adequação da individuação apolínea como princípio que visa delimitar os moldes do mundo não representa a mesma característica associada ao universo de significação do Mundo Sensível platônico, o qual é permeado de ilusões? A fundamentação do *Uno-primordial* não parece fortalecer a alcunha de contraditório a um filósofo que intitula sua filosofia como *platonismo às avessas* (BARROS, 2002, p. 29)?

## 5.2 Nietzsche e a solução heraclitiana

*Como sua propriedade magnífica, Heráclito possui a mais elevada força da representação intuitiva; ao passo que, no que tange ao outro tipo de representação, que se consuma em conceitos e combinações lógicas, quer dizer, no que diz respeito à razão, ele se mostra frio, insensível, inclusive hostil, sendo que parece obter um certo prazer quando consegue contradizê-la mediante uma verdade intuitivamente alcançada: e isso ele faz em sentenças tais como, por exemplo, “tudo possui sempre o contrário em si”, [...] (NIETZSCHE, 2011, p. 56-57)*

O autor de *O nascimento da tragédia* revela já na concepção de sua primeira obra, a impetuosidade em relação a qualquer perspectiva dogmática que visa conduzir o indivíduo às verdades últimas e absolutas. Os estudiosos que condicionam sua força motriz intelectual para compreender os meandros da filosofia nietzschiana não analisam outra saída a não ser debruçar-se sob a ótica do vasto campo de influências, sejam elas filosóficas, literárias ou culturais, para que a complexidade do pensamento de Nietzsche se torne acessível de maneira um pouco mais palatável. Dito isso, o presente projeto de pesquisa possui como pressuposto fundamental convidar o leitor a caminhar rumo ao ponto de culminância final que será percorrido nesta seção.

Assim, como fora afirmado anteriormente acerca da importância de recorrer ao universo de influências – saliento que tal afirmação estende-se aos demais filósofos – com o intuito de remover a vestimenta opaca do processo compreensivo, causado pelo grau de complexidade elevado do pensamento nietzschiano, é também indubitável afirmar a extrema relevância do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso para a fase inicial de fundamentação do pensamento de Nietzsche.

A problemática apontada ao final da última seção nos remete de maneira cabível acerca do olhar atento perante a seguinte questão: como é possível uma unidade não individualizada e indiferenciada constituir-se como a fonte originária de toda multiplicidade? Cabe a nós neste momento avaliarmos tudo aquilo que concerne ao âmbito do panorama constitutivo entre o devir e o ser.

Analisemos, então, a fixidez irredutível acerca das individualidades inseridas no mundo fenomênico, o qual é recoberto pelo véu de Maia <sup>16</sup>. A roupagem ilusória propiciada pela capacidade do princípio de individuação em determinar que cada ente possui o estabelecimento de uma marca identitária própria, ou seja, uma essência que perpassa o dinamismo do devir e se diferencia dos demais entes determinados, faz com que a visão de mundo concebida como uma unidade não localize terrenos férteis. O profundo universo de compreensão acerca do devir, atrelado à consciência de que o único algo de permanente é a transitoriedade incessante das individualidades, possibilita que a

---

<sup>16</sup> “Palavra em sânscrita, que se lê, em geral, como *ilusão*”. GUINSBURG, J. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Trad., notas e posfácio: J. Guinsburg. 8. ed. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2019. p. 144.

reflexão que provém da unidade se estabeleça. Contudo, qual a explicação da pluralidade de entes determinados? Recorro, mais uma vez, às palavras de Márcio Benchimol:

*A unidade de todos os entes individuais é, em última instância, a unidade do fluxo total do vir-a-ser no qual encontram-se engolfados, e que incessantemente chama à existência todas as miríades de seres para em seguida fazê-los submergir novamente no abismo do não-ser. (BARROS, 2002, p. 42)*

Toda aquela profusão de delimitações das individualidades está inserida em uma estrutura de transição permanente, incessante, a qual visa deteriorar toda e qualquer marca identitária associada à percepção de uma essência individualizante.

Nietzsche se propõe ir à fundo acerca das raízes fundamentais para a compreensão do devir. Dessa maneira, o filósofo alemão ressalta a perspicácia de Anaximandro ao distanciar-se da visão de Tales associada à perspectiva unívoca que o advento dos seres diz respeito às mutações enveredadas pelas propriedades da água:

*Fiando-se, no essencial, em Tales, inclusive fortalecendo e multiplicando suas observações, Anaximandro não estava convencido, contudo, de que não houvesse nenhum outro nível de qualidades anterior e como que por detrás da água: mas antes, de maneira bem diferente, parecia-lhe que o próprio úmido se formava a partir do quente e do frio,” [...] (NIETZSCHE, 2011, p. 63-64)*

Com o intuito de fundamentar a análise da teorização heraclitiana acerca do fogo como a força embrionária do universo, Nietzsche aproxima-se de Anaximandro. O artifício fundamental a ser discorrido nesse momento diz respeito aos meandros da argumentação desenvolvida pelo filósofo pré-socrático, tendo em vista uma coerência

interpretativa que concerne ao seu distanciamento da teoria atribuída a Tales acerca da concepção da água como origem de todas as coisas. Assim, Anaximandro concebe ao longo de sua empreitada analítica que a acepção do mundo não estaria atrelada única e exclusivamente às transformações da água. Segundo suas observações, o quente e o frio poderiam ser classificados como estágios que antecedem à proliferação da água, como etapas consideravelmente mais originárias. Desse modo, o enigmático devir estaria condicionado ao desprendimento de tais qualidades (quente e frio) em relação à indeterminada unidade primordial.

Realizadas as observações que concernem ao campo de análise empreendido por Nietzsche, evidencia-se o apreço nietzschiano acerca do pensamento de Anaximandro em detrimento ao de Tales. O primeiro carrega consigo determinado aspecto valioso para o filósofo alemão: a propagação do indeterminado como marca essencial da fonte originária do devir, assim como a objeção de onde viria esse algo regido pela indeterminação capaz de ditar o ritmo dinâmico e incessante do vir-a-ser.

Contudo, apesar do maior apreço de Nietzsche por Anaximandro, ele reconhece que tanto este como Tales, debruçaram-se sobre a questão do devir. Porém, ambos encontraram restrições e estabeleceram alicerces na máxima de que o processo de geração e corrupção está associado a um ser indeterminado que não sofre as consequências atreladas à ótica do devir. Dessa forma, Nietzsche reconhece que os filósofos nascidos na colônia grega da Ásia Menor, no âmbito da escola jônica, possuem certa influência na fundamentação da ideia de diferenciação de mundos em mundo sensível e mundo inteligível. Tal perspectiva se estabelece devido ao fato de os filósofos jônicos se alicerçarem na compreensão do devir como pressuposto fundamental para a deterioração dos entes em configurações menos puras a partir da unidade primordial, maximizando o epíteto da imperfeição e do aparato ilusório que representa o existir.

Admite-se que o filósofo alemão pondera as cabíveis relações de influência e/ou continuidades entre os pensadores jônicos e a filosofia platônica, formatando o aspecto conclusivo de que o âmbito relacional entre tais formas de pensar possui uma marca de divergência mais relevante do que um suposto entrelaçamento positivo. O embasamento platônico se fundamenta na valorização exuberante da prerrogativa lógica-conceitual aliada ao “projeto socrático”, o qual destitui e banaliza o pensar *intuitivo*. Esta forma intuitiva de pensamento que colide com o pensamento científico, é citada por Márcio

Benchimol na descrição de uma alegoria presente na obra *Filosofia na idade trágica dos gregos*:

*A relação entre o pensamento intuitivo e o pensamento científico é apresentada na conhecida alegoria dos dois andarilhos que, representando respectivamente a filosofia e a ciência, tentam atravessar o riacho das pedras rolantes. Enquanto o primeiro andarilho, de pés leves e ligeiros, salta suavemente pelas pedras sem se preocupar se elas afundam após sua passagem, o segundo avança pesada e vagorosamente, precisando a cada momento verificar a fixidez dos fundamentos sobre os quais se apoia.* (BARROS, 2002, p. 44)

Seguindo a perspectiva nietzschiana, o advento da forma de pensar platônica tornou a filosofia desprovida de algo caracterizado como essencial: o pensamento intuitivo. Por meio da analogia, Nietzsche nos impulsiona a refletir acerca da postura do segundo andarilho, que poderia ter valorizado a intuição e atravessar o rio sem maiores problemas. A ornamentação lógica e conceitual nos moldes platônicos, imobiliza o ser no universo da dúvida, desacelera o processo, coíbe o indivíduo e deixa de lado a esfera do pensar intuitivo, deixando-o inseguro no momento de ultrapassar a superfície fenomênica e estabelecer a compreensão da unidade primordial assim como a completude do devir.

Sob a ótica da filosofia trágica, o olhar nietzschiano não a determina como sendo desprovida do formato de pensamento científico e conceitual; muito pelo contrário, ele afirma a procedência do subsídio científico como constituinte do âmbito geral da filosofia. Aquilo que concerne aos moldes da filosofia trágica caminha juntamente à compreensão da preponderância do pensamento intuitivo em relação ao pensamento científico, o qual assume o papel de transmissibilidade daquele conhecimento adquirido pela intuição, ou seja, delinear e exteriorizar conceitualmente os elementos apreendidos de forma intuitiva.

Ao conceber as reflexões dialéticas e as teorizações físicas como pressupostos essenciais na tradução do pensar intuitivo, Tales e Anaximandro realizaram o desvio inessencial que impossibilitou a apreensão pura da verdade que advém da intuição. A

opacidade se estabelece no âmbito compreensivo da unidade primordial de todos os seres. Para Nietzsche, a característica fundamental do conceito que está diretamente interligada ao pensamento científico diz respeito à ornamentação fixa e estruturante da realidade, para que, dessa forma, os elementos abstratos e distintivos da reflexão intuitiva sejam convencionados de forma fixa tendo em vista a comunicação no meio social. Devido a tal concatenação basilar, o viés platônico se propõe ao alcance da realidade absoluta da existência, imprimindo assim a pretensão de expressar o caráter estático e fixo da realidade última dos seres, o qual entra em uma rota de colisão ininterrupta com a perspectiva do devir. Qual a fundamentação que Parmênides utiliza para afirmar a existência do “Ser”? Tal premissa baseia-se justamente nessa delimitação fixa e impossível de ser ultrapassada, ou seja, a existência determinada de um lugar que contenha em si um pressuposto que não é regido pelas imposições do devir. O Ser existe por meio da conclusão alimentada acerca da convergência entre a ideia de conceito e realidade. Assim, a afirmação de que a existência do Ser é verdadeira passa pelo crivo de que é possível pensá-lo conceitualmente.

Todavia, Tales e Anaximandro, notórios representantes da filosofia trágica, foram capazes de conceber a percepção intuitiva e a ideia intrínseca ao devir, mesmo que não tenha se configurado da maneira mais pura e excelente. Assim, os filósofos jônicos supracitados podem ser caracterizados a partir da ideia de um estágio de preparação que a filosofia trágica teve de lograr, para que Heráclito desempenhasse a completude da percepção acerca do devir.

O traço distintivo que recobre a visão heraclitiana reside na plena confiança daquilo que advém da reflexão intuitiva. Assim, a profunda compreensão do devir caminha ao lado do filósofo de Éfeso devido à tamanha sagacidade e astúcia em perceber o quão incompatível é a régua do pensar intuitivo e do conhecimento científico-conceitual. Avesso às normatizações de modo geral, Heráclito funda seu pensamento com base na crítica aos homens *interrogadores*<sup>17</sup> da razão, e afirma, com veemência, a ausência de necessidade e conveniência em concluir suas fundamentações por meio dos elementos dialéticos e lógico-conceituais. Podem haver objeções relativas a Heráclito no que concerne a uma possível proximidade com o pensamento científico, ao passo que ele

---

<sup>17</sup> Nietzsche faz referência àqueles homens que se pautam essencialmente na ótica do pensamento lógico-conceitual para validar o conhecimento

estabelece o elemento fogo como pressuposto fundamental e simbólico para a compreensão da transitoriedade incessante do devir. Nietzsche nos chama a atenção para refletirmos sobre o caráter essencial da existência para Heráclito:

*Muito mais relevante, porém, do que esse afastamento da doutrina de Anaximandro é uma concordância ulterior: como este último, ele acredita num ocaso do mundo que volta a ocorrer periodicamente num emergir sempre renovado de um outro a partir do incêndio universal que a tudo aniquila. (NIETZSCHE, 2011, p. 65)*

A caracterização intrínseca ao elemento fogo não pode estar associada à ideia de permanência, nem tampouco dissociada da perspectiva da impermanência. Portanto, o fogo é o único elemento que se enquadra no fluxo constitutivo do movimento incessante, sendo constituído por Heráclito como o princípio originário do universo e âmago ontológico do devir, o qual fora assentado de maneira distinta por Anaximandro e Tales.

*O período no qual o mundo se apressa para defrontar-se com tal incêndio universal e com aquela dissolução no puro fogo é por ele caracterizado, do modo mais impressionante, como um desejar e necessitar, um deixar-se engolir completamente pelo fogo como saciedade; e resta-nos ainda a pergunta pelo modo como ele compreendeu e denominou o novo e nascente impulso de formação do mundo, o derramar-se nas formas da multiplicidade. (NIETZSCHE, 2011, p. 65).*

Nietzsche salienta a importância de concentrar nossos olhares sobre a inexistência de fixidez no infindável vir-a-ser. Heráclito de Éfeso delineou a questão da unidade como sendo ela própria imanente ao devir, e não ao ser. Dessa forma, a afirmativa acerca do ininterrupto vir-a-ser dissemina a absoluta negação do ser enquanto realidade última das

coisas, corroborando assim para a destituição da ideia de divisão do mundo em mundo físico e mundo metafísico. A multiplicidade inserida no âmbito da realidade provém justamente do pressuposto imanente da unidade do devir, ou seja, do permanente vir-a-ser.

A afeição de Nietzsche em relação ao filósofo Heráclito é grandiosa, a qual corresponde a um estado que perpassa as obras nietzschianas até chegar na concepção da obra *O Crepúsculo dos Ídolos*, publicada em 1889. O perfil do pensamento heraclitiano está para Nietzsche catalogado como a perspectiva mais profunda e essencial da filosofia trágica, servindo assim de embasamento elementar para a formulação da teoria do *Uno-primordial*.

As razões da proximidade entre ambos não residem somente no fato de que Nietzsche não realiza sequer uma censura ao filósofo de Éfeso (como já entendido, até 1889), mas são reforçados de maneira natural pela justificação estética da existência que é pretendida pela visão nietzschiana e identificada em Heráclito. Já que um entendimento que por ventura pudesse ser proveniente de uma apreensão moral ou de um aparato científico atento às causas finais é incompatível com sua proposta filosófica, ele trata da problemática referente ao campo originário do devir de forma extraordinária, caracterizado por Nietzsche como a sabedoria estética crucial do “jogo do mundo”:

*Entre homens, Heráclito era, como homem inacreditável; e, se por acaso, foi surpreendido ao prestar atenção no jogo de crianças barulhentas, ainda assim, ao deter-se em tal jogo, ele refletiu sobre algo que um homem, em tal oportunidade, jamais havia refletido: o jogo da grande criança do mundo (des Grossen Weltenkindes), Zeus. (NIETZSCHE, 2011, p. 72)*

O filósofo efésio formula uma metáfora acerca do cosmos para fundamentar que o universo seria a representação de um *jogo (artístico) de Zeus* (BARROS, 2002, p. 50). A *grande criança universal* citada no trecho acima, representa a figura de Zeus, a qual também pode ser contemplada como a imagem do Zeus-artista:

*Um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir (ein Bauen und Zerstören), sem nenhum discernimento moral, eternamente na mesma inocência, têm, neste mundo, somente o jogo do artista e da criança. E assim como joga a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo (das ewig lebendige Feuer), constrói e destrói, em inocência – e esse jogo joga o Aion consigo mesmo. (NIETZSCHE, 1873, apud BARROS, 2002, p. 50).*

Levando em consideração a ideia principal da constituição do mundo, um vir-a-ser e perecer incessantes, Heráclito realiza a articulação metafórica que retrata a ausência de uma valoração moral como pressuposto válido para a explicação da realidade, fazendo com que “o jogo do artista e da criança” sejam subsidiados pela caracterização da inocência, aspecto fundamental que constitui o universo da infância, o qual é utilizado para caracterizar a “forma de jogo” do Zeus-artista que *constrói e destrói* sem a presença de uma teorização moral. Com isso, é possível evidenciarmos a transparente relação entre o Zeus-artista de Heráclito e o “deus-artista” de *O nascimento da tragédia*, tendo em vista que, no prefácio intitulado *Tentativa de Autocrítica*, Nietzsche o descreve praticamente com os mesmos atributos utilizados por Heráclito, tanto na construção ou na destruição como naquilo o que é regido pelo bom e pelo mau, o deus-artista anseia pela experimentação interna do seu próprio júbilo e poder.

*De fato, o livro todo conhece apenas um sentido de artista e um retro-sentido [Hintersinn] de artista por trás de todo acontecer — um “deus”, se assim se deseja, mas decerto só um deus-artista completamente inconsiderado e amoral, que no construir como no destruir, no bom como no ruim, quer aperceber-se de seu idêntico prazer e autocracia, que, criando mundos, se desembaraça da necessidade [Not] da abundância e superabundância, do sofrimento das contraposições nele apinhadas. O mundo, em cada instante a alcançada redenção de deus, o mundo como a eternamente cambiante, eternamente nova*

*visão do ser mais sofredor, mais antitético, mais contraditório, que só na aparência [Schein] sabe redimir-se: toda essa metafísica do artista pode-se denominar arbitrária, ociosa, fantástica — o essencial nisso é que ela já denuncia um espírito que um dia, qualquer que seja o perigo, se porá contra a interpretação e a significação morais da existência.*  
(NIETZSCHE, 1872, p. 16)

As aspirações nietzschianas levaram o filósofo alemão a considerar Heráclito como o homem possuidor dos atributos filosóficos e artísticos por excelência, fazendo com que se estabelecesse um cenário formidável para o pensador efésio vislumbrar a possibilidade de contemplar a existência de maneira incessantemente justificada, por meio de seu valor estético. Portanto, para Nietzsche, quem opta por visualizar a ótica do valor da existência através da segmentação proporcionada pelo pensamento científico-conceitual, carregará o fardo de associar-se a um significado da existência que é indefinidamente problemático.

Em razão dos aspectos teorizados nesta pesquisa, é possível identificarmos elementos relevantes para que se estabeleça a afirmação da congruência entre a filosofia heraclitiana discorrida por Nietzsche e a fundamentação da *metafísica de artista*. Assim como a teorização acerca do *Uno-primordial* possui sua simbolização atrelada ao conteúdo do devir, Nietzsche ilumina a questão da concepção do devir como sendo ele fruto de um processo indiferenciado que contém em si a totalidade da força vital do universo. Cabe a nós ressaltarmos que o aparente aspecto peculiar distintivo entre os dois pensadores com relação às origens do devir, pode ser dissolvido se observarmos a maneira com a qual Nietzsche concebe a vida, ou seja, um eterno vir-a-ser, além de apontar de maneira sugestiva ao fogo contemplado por Heráclito por meio das seguintes caracterizações: *o fogo eternamente vivente e força plasmadora do mundo* (NIETZSCHE, 1873, apud BARROS, 2002, p. 51). Contudo, as similaridades que aproximam os dois filósofos não se resguardam somente nas questões supracitadas, é factível analisarmos a concepção nietzschiana acerca do par conceitual apolíneo-dionisíaco e sua relação com a perspectiva de Heráclito atrelada à polaridade de opostos. Para o filósofo pré-socrático, a configuração do devir está associada à cisão de uma força que origina duas diligências

distintas e opostas no que diz respeito às suas concepções qualitativas, as quais seguindo um fluxo incessante, encaminham-se mutuamente para uma reconciliação:

*Com efeito, o povo julga reconhecer algo rígido, acabado e sólido; em verdade, em cada instante há luz e escuridão, amargo e doce, um junto ao outro e presos entre si, como dois lutadores dos quais ora um ora outro adquire a hegemonia. Segundo Heráclito, o mel é simultaneamente doce e amargo, sendo que o próprio mundo é uma vasilha que tem de ser permanentemente agitada. Todo vir-a-ser surge da guerra dos opostos: as qualidades determinadas, que se nos aparecem como sendo duradouras, exprimem tão-só a prevalência momentânea de um dos combatentes, mas, com isso, a guerra não chega a seu termo: porém a luta segue pela eternidade. Tudo se dá de acordo com esse conflito, e é precisamente esse conflito que revela a justiça eterna. (NIETZSCHE, 2011, p. 59-60)*

Assim, a visão heraclitiana que sedimenta as bases deste espectro conceitual, embasa e legitima sua profunda compreensão acerca do devir, caminhando, portanto, de maneira efetiva para que ocorra uma válida observação acerca da conformidade entre a perspectiva descrita e a fundamentação nietzschiana do par conceitual apolíneo-dionisíaco:

*Tomamos estas denominações dos gregos, que tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses. A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, 16*

*tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; (NIETZSCHE, 1872, p. 24)*

A vida, para Nietzsche, não deve ser refletida a partir de um eixo imóvel que não se manifesta claramente seguindo os pressupostos de criação e adulteração incessantes, mas ela deve ser pensada e compreendida pela representação de sua essência, a qual é associada de forma intrínseca ao dinamismo característico da vida que se manifesta nos seres moventes. Esta concepção acerca da vida, nega qualquer orientação atrelada à bipartição metafísica do mundo, solidificando assim a ideia que sedimenta as bases da enigmática teoria do *Uno-primordial*. Definidamente, podemos corroborar a afirmação nietzschiana sem maiores problemáticas e objeções, sua filosofia [é] *platonismo às avessas*.

*Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à intelecção lógica mas à certeza imediata da introvisão<sup>18</sup> [Anschauung] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionísíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações. (NIETZSCHE, 1872, p. 24)*

---

<sup>18</sup> “A tradução corrente desta palavra, “intuição”, perde a referência visual, embora conserve o significado de conhecimento imediato. Por outro lado, “contemplação”, “visão” tampouco oferecem correspondências satisfatórias porque resultam em prejuízo semântico inverso ao acima mencionado. Uma eventual solução pode estar no neologismo “introvisão”. Recorreu-se a ele sempre que o sentido pareceu exigir-lo, mas não com constância, devido à possível confusão com *Einsicht*.” GUINSBURG, J. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Trad., notas e posfácio: J. Guinsburg. 8. ed. São Paulo: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2019. p. 144.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as disposições relativas à fundamentação da presente pesquisa, é conveniente que seja ressaltado o extenso percurso de análise referente à primeira formulação estética nietzschiana.

Diversos traços ao longo da composição do livro despertam reflexões altamente significativas no que diz respeito à forma inédita como o pensador consegue realizar menções a obras fundamentais da história geral das artes e colocá-las em um painel reflexivo inédito. Os filósofos se preocupam muito em diferenciar a estética da filosofia da arte, uma se preocupando em estar atenta ao vasto campo da percepção, a outra representando um recorte desta, a qual visa tratar de diversas possibilidades acerca das obras de arte tendo em vista o painel reflexivo e filosófico. Ao observarmos a ótica da trajetória estética e filosófica alemã, cabe a nós citarmos a *Crítica da Faculdade do Juízo* de Immanuel Kant, e a obra hegeliana intitulada *Cursos de Estética*.

Tal obra publicada por Nietzsche é considerada um emblema da Estética contemporânea. Não basta ler o livro acreditando em uma possível redenção pela arte. Cabe-nos reverenciar a autonomia da estética de Nietzsche: *O Nascimento da Tragédia* é um pequeno tratado da estética e se trata de um livro escrito por um artista, endereçado a um artista e destinado aos artistas, como ele mesmo descreve em seu prefácio tardio. Obra de mais alta valorização da arte, a qual representa um estatuto artístico elevado como uma dimensão que dá acesso a questões fundamentais acerca do amplo espectro da existência.

Em meio a distanciamentos e reconciliações com Arthur Schopenhauer, Nietzsche descreve mais tardiamente, em sua *Tentativa de autocrítica*, a noção clara e objetiva acerca da composição de suas linhas e capítulos em *O Nascimento da Tragédia*, a maneira impetuosa e instintiva com a qual se expressava e a certeza de que naquele momento o jovem Nietzsche era mais um poeta do que filólogo e mais adequado à caracterização de um artista do que um endereçamento taxativo como filósofo. Sua marca registrada, *o espírito dionisíaco*, acompanha a trajetória filosófica e reflexiva do autor até mesmo em suas obras mais maduras, como é o caso de *Ecce Homo*, assim como sua perspectiva de análise perante o embate entre a racionalidade e o instinto, a qual possui

sua raiz atrelada à interpretação acerca do instrumento de dissolução e decadência da cultura grega representada pelo socratismo.

O jovem Nietzsche sofreu consequências e críticas incisivas da filologia clássica e da tradição alemã, pela maneira como visualizou a forma emergente e ilusionista do mundo por meio da arte, algo até então considerado totalmente antiacadêmico. Assim, o mundo moderno, segundo Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia*, é altamente influenciado pelas perspectivas do homem teórico, o qual vem “equipado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo protótipo e tronco ancestral é Sócrates” (NIETZSCHE, 2019, p. 106), a contraposição mais elevada dos instintos. O que Nietzsche verdadeiramente combate não é a vontade do saber, mas uma crítica incisiva ao otimismo socrático herdado pelo ocidente, o desejo por uma felicidade promissora que foi arraigada de maneira profunda ao longo da história, a qual carrega consigo o enfraquecimento das capacidades intuitivas e dá voz a fadiga da lógica argumentativa.

A questão da metafísica de artista nos parece algo inevitável para o ainda jovem professor alemão que assumiu elementos fundamentais da metafísica de Schopenhauer. Mesmo que o filósofo do pessimismo tenha se espelhado na distinção kantiana entre o mundo dos fenômenos e a coisa-em-si, a originalidade de sua teoria é consagrada na disparidade entre o âmbito conceitual da representação e da vontade. Segundo ele, o mundo como representação guarda em si as características atreladas à forma como a multiplicidade é apresentada aos indivíduos e também suas infindáveis singularidades, as quais são devidamente ordenadas no espaço e no tempo por meio da atuação importantíssima do princípio de individuação, que propicia o aparecimento e multiplicação dos fenômenos, além do princípio de causalidade que transmite significado e sistematiza a existência racional das coisas.

Para Schopenhauer, a contemplação estética suscita um cenário necessário para que ocorram maneiras apazíveis de perceber o mundo, contribuindo para apaziguar as vontades desmedidas e cessar momentaneamente a dor. A caracterização desse método contemplativo é singular, o alcance do sujeito puro do conhecimento e o estabelecimento de um estado intemporal são marcantes nessa fase reflexiva e sistemática. Dessa forma, a influência schopenhaueriana na filosofia da arte de Nietzsche é notável não somente na

fundamentação dos impulsos artísticos apolíneo e dionisíaco, mas também na própria concepção da metafísica de artista.

Contudo, foi conferido que o aparato divergente entre Nietzsche e Schopenhauer reside na consideração daquilo que representa a fonte originária de todas as coisas. O viés nietzschiano não determina um significado absoluto para a *Vontade*. A visão central acerca da vida não possui ponto de convergência nos dois filósofos, ou seja, para Schopenhauer a vida propriamente dita dialoga com sua raiz perante uma manifestação superficial da *Vontade*, e não é provida da coisa-em-si. Já Nietzsche, pensa a vida como sendo a engrenagem principal de toda a realidade, o eixo grandioso e fundamental que proporciona o surgimento do mundo fenomênico e não reside em uma alçada categórica abaixo da *Vontade*.

A análise acerca da filosofia pré-socrática, a qual é dada por Nietzsche o epíteto “trágico”, demonstrou ao longo da pesquisa ser de extrema relevância para compreendermos as fundamentações originárias que a perspectiva nietzschiana apreendeu ao conceber a teoria do *Uno-primordial*, assim como o imprescindível alicerce da teoria de Heráclito ao estruturar a esfera do devir e acessar as profundezas da reflexão intuitiva.

O universo de possibilidades aberto através da confecção deste trabalho, suscita um ruminar incansável que caminha em direção ao vasto leque que fora proporcionado ter acesso, tendo em vista a ideia do *Uno-primordial* teorizada por Nietzsche. Ao que parece, a radicalidade desta enigmática teoria será responsável por representar o combustível necessário para trabalhos posteriores. A impetuosidade do ainda jovem, porém não menos genial, filólogo alemão Friedrich Nietzsche no âmbito do século XIX, nos leva a crer, assim como foi discorrido em uma dada seção desta pesquisa, acerca da determinante importância do romantismo alemão em sua obra, e, principalmente, no que concerne a ideia de uma unidade indiferenciada que detém em si a totalidade da força vital do universo. Devido a isso, germina de fato a pretensão em mergulhar amplamente na profundidade abissal que representa os meandros do romantismo alemão e sua influência na teorização do *Uno-primordial*.

## 7 REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, M. **Dores do parto, dores do mundo: notas sobre a oposição de Nietzsche a Schopenhauer**. Estudos Nietzsche, v.4, n.2, jul-dez 2013, p. 135-156.

BENCHIMOL, M. **Apolo e Dionísio: arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche**. São Paulo: Anablume, 2002.

BURHAM, D. e JESINGHAUSEN, M. **Nietzsches The birth of tragedy, a readers guide**. Londres: Continuum International Publishing Group, 2010.

BURNETT, H. **Para ler O nascimento da tragédia de Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2012.

DIAS, R. M. **A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia**. Cadernos Nietzsche, n. 3, 1997, p. 7-21.

MACHADO, R. **Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MACHADO, R. **O nascimento do trágico, de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio de Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Trad. Fernando R de Moraes Barros. São Paulo: Editora Hedra Ltda, 2011.

MOSÉ, Viviane. **O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PAULA JÚNIOR, O. H. de. **A dimensão dionisíaca do uno-primordial nos primeiros escritos de Nietzsche**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006.

DE SOUZA, Maria Cristina dos Santos. **A Naturphilosophie como concepção de mundo do romantismo alemão**. Universidade Federal do Maranhão: AISTHE, nº 5, 2010.

REDYSON, D. **Schopenhauer e a metafísica do pessimismo**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), [S. l.], v. 15, n. 23, 2010.

DE CASTRO, M. C. **A inversão da verdade. Notas sobre o nascimento da tragédia**. KRITERION, Belo Horizonte, nº 117, Jun./2008, p. 127-142.

## 8 PLANO DE CURSO

### 8.1 INTRODUÇÃO

O presente plano de curso possui a base conceitual atrelada à disciplina de filosofia no Ensino Médio, tendo em vista as estratégias desenvolvidas e apreendidas ao longo das aulas de graduação, assim como a experiência obtida nos 3 (três) períodos de Estágio Supervisionado de Filosofia vivenciados até o momento e na Residência Pedagógica. Ao sistematizar o panorama referente às dificuldades e desafios que concernem à prática da docência filosófica no âmbito do Ensino Médio, sem deixar de lado o curto período semanal disponível para a efetuação de tal atividade, o qual significa o estabelecimento de 1 (uma) aula semanal, este plano de curso possui a intenção de iniciar os alunos no universo da história da filosofia e no instigante modo de pensar filosófico, priorizando em sua primeira metade aspectos essenciais do surgimento da filosofia para que posteriormente a continuidade do curso seja pautada em duas áreas temáticas, as quais identificam-se como fundamentais no intercâmbio entre o conteúdo filosófico propriamente dito e sua vivência na realidade concreta.

As perspectivas abordadas ao longo deste plano de curso, foram sedimentadas de acordo com as diretrizes inseridas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), com o intuito de inserir o aluno na ótica dos moldes de pensamento que propiciaram a origem da filosofia, assim como revelar o universo de aplicabilidade cotidiana que o *modus operandi* do pensamento filosófico possibilita. O foco geral deste plano visa alicerçar-se na solidificação do protagonismo estudantil, transmitindo ao estudante no decorrer das aulas sua importância no processo de ensino-aprendizagem, o qual irá refletir no desenvolvimento das aptidões críticas necessárias para uma vivência ética e autônoma, tendo em vista sua ambientação na sociedade.

### 8.2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVO GERAL

O referido plano de curso foi pensado para a ambientação prática do 1º ano do Ensino Médio. Sendo assim, o presente plano de curso possui a determinação prévia de inicializar o tato do aluno em relação à estrutura que molda o pensar filosófico, adentrando às origens da história da filosofia, para posteriormente, revelar aos estudantes

2 (dois) eixos temáticos que contêm pensadores de diversos períodos do universo filosófico. Por meio da trajetória proposta, espera-se que o aluno consiga familiarizar-se com as bases da maneira filosófica de pensar, suscitando em si mesmo a inquietação e questionamento incessantes atrelados à raiz da disciplina, a qual será evidenciada como o alicerce máximo da prática docente e do processo de ensino-aprendizagem.

O principal intento do atual plano de curso, representa a busca pela solidez afirmativa da relação entre a disciplina de filosofia e o estudante. Dessa forma, a base central que efetiva a execução de tal plano, pretende que o aluno estabeleça contato com o conteúdo referente à história da filosofia e consiga compatibilizar as reflexões apreendidas e exercitadas em sala de aula, tendo em vista o prisma da sua própria realidade concreta.

### 8.3 METODOLOGIA

A conjectura deste plano de curso é apoiada no espectro estrutural de um ano letivo dividido em quatro bimestres, os quais contabilizam 10 (dez) aulas cada um com a prerrogativa de 1 (uma) aula por semana. O elemento norteador da exposição do conteúdo programático será, primordialmente, o comprometimento do docente em transmitir os pressupostos da disciplina fazendo com que o estudante se torne protagonista do aprendizado, fundamentando um ambiente interativo com os alunos que esteja focado na realidade vivenciada por eles, distanciando-se assim de uma sala de aula fixada estritamente na análise da teoria contida nos módulos do livro didático. Os alunos realizarão ao longo do bimestre trabalhos, atividades em grupo e avaliações discursivas e objetivas, assim a nota do bimestre está atrelada a soma das notas referentes ao que foi supracitado acima, com o acréscimo da nota referente à participação do aluno durante as aulas. Para que o âmbito reflexivo identifique terreno fértil, o material de apoio a ser disponibilizado para os estudantes serão dicionários específicos da disciplina de filosofia e o livro didático disponibilizado pela escola, além disso o plano de curso também prevê que algumas aulas sejam destinadas para que os alunos assistam à um filme, o qual posteriormente será objeto da realização de um trabalho. As aulas serão ministradas, como dito anteriormente, a partir do pressuposto de um ambiente interativo em relação aos alunos, com o auxílio de um projetor o professor irá preparar slides que dialogam com a matéria orquestrada em sala, sem perder de vista o aspecto distintivo e preponderante

que reside na confecção de *insights* e gatilhos que chamem a atenção do estudante e fomentem uma grade de interação.

### **1º Bimestre – A origem da filosofia**

Aula 1; A passagem da tradição mitológica para o pensamento filosófico.

Aula 2; Os pré-socráticos.

Aula 3; Sócrates e os sofistas.

Aula 4; Platão: o filósofo idealista.

Aula 5: A Cidade Ideal de Platão.

Aula 6: Aristóteles: o discípulo que se distancia do mestre.

Aula 7: A Eudaimonia aristotélica.

Aula 8: Delimitação de um questionário a ser respondido pelos alunos.

Aula 9: Correção do questionário em sala de aula em formato de “roda filosófica”.

Aula 10: Avaliação.

### **2º Bimestre – Período helenístico**

Aula 11; A Filosofia Helenística.

Aula 12; O Cinismo: é possível ser cínico nos dias de hoje?

Aula 13; O Estoicismo e a *ataraxia* para um bem viver.

Aula 14; O Epicurismo e a ética hedonista.

Aula 15: O Ceticismo de Pirro.

Aula 16: Neoplatonismo e o grande filósofo Plotino.

Aula 17: Trabalho em grupo.

Aula 18: Continuação e finalização do trabalho em grupo.

Aula 19: Aula destinada para tirar dúvidas em formato de “roda filosófica”.

Aula 20: Avaliação.

### **3º Bimestre – Ética**

Aula 21; O exercício ético: nuances sobre a ética e a moral.

Aula 22; Relembrando: “A *eudaimonia* aristotélica”

Aula 23; Relembrando: “ética hedonista”

Aula 24; A ética de Immanuel Kant.

Aula 25; A ética utilitarista.

Aula 26; Ética na contemporaneidade: noções acerca da bioética.

Aula 27: Filme: “O jardineiro fiel”.

Aula 28: Filme: “O jardineiro fiel”. (Continuação)

Aula 29: Filme “O jardineiro fiel” (término) e explicação do trabalho.

Aula 30: Avaliação.

### **4º Bimestre – Política**

Aula 31; Noções acerca da relação entre o homem e a política.

Aula 32; Thomas Morus e a corrente utopista.

Aula 33; Nicolau Maquiavel e “O Príncipe”.

Aula 34; Nicolau Maquiavel e “O Príncipe”. (Continuação)

Aula 35; Contratualismo: Thomas Hobbes.

Aula 36; Contratualismo: John Locke.

Aula 37; Contratualismo: Jean-Jacques Rousseau.

Aula 38; Delimitação de um questionário a ser respondido pelos alunos.

Aula 39; Correção do questionário em sala de aula em formato de “roda filosófica”.

Aula 40; Avaliação.

#### 8.4 DISPOSIÇÃO DETALHADA DAS AULAS

##### **Primeiro Bimestre**

##### **Aula 1**

**Objetivo:** A primeira aula será destinada à ambientação dos alunos em relação ao contexto que envolve a passagem do conhecimento mitológico para o conhecimento filosófico. Será proposto o entendimento perante a maneira como o indivíduo busca relacionar-se com a questão do conhecimento, assim como o estabelecimento da reflexão acerca da significativa interatividade do meio social e sua parcela de relevância na formação da forma de pensar dos indivíduos. Ao realizar a exposição e respectiva proposição do debate acerca da relação entre indivíduo e conhecimento, a aula será conduzida com o intuito de delinear as características próprias do conhecimento mitológico e sua perspectiva cosmogônica, para posteriormente explicitar as caracterizações atreladas à transição para o conhecimento filosófico e cosmológico.

##### **Aula 2**

**Objetivo:** A proposta que será evidenciada no transcorrer da aula, será pautada na apresentação aos alunos das características associadas à Grécia Antiga e ao contexto que delimita o cenário dos filósofos pré-socráticos: Tales de Mileto, Parmênides de Eleia, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Samos, Demócrito de Abdera. Também será descrito de forma detalhada as particularidades de cada filósofo.

### **Aula 3**

**Objetivo:** Evidenciar o embate entre as perspectivas sofísticas e socráticas. Descrever o pressuposto sofístico baseado na persuasão como sendo fonte fundamental no desenvolvimento do discurso. Adentrar ao universo socrático e explicitar sua crítica ao modelo sofista, assim como orientar os alunos para a apreensão de noções acerca da maiêutica e seu significado, salientando a visão de Sócrates sobre a busca pela obtenção do conhecimento verdadeiro, o qual distancia-se da *doxa* e aproxima-se da *aletheia*.

### **Aulas 4 e 5**

**Objetivo:** As respectivas aulas serão dedicadas aos meandros da filosofia platônica. Será evidenciada a importância do discípulo de Sócrates para a contextualização do surgimento da filosofia. A exposição focará nas características atreladas ao estabelecimento de uma teoria do conhecimento por Platão, evidenciando os aspectos distintivos da “Teoria das Ideias” e os pressupostos inseridos na alegoria da caverna. Também haverá um enfoque preciso nos principais aspectos associados à obra “A República”, chave mestra para a compreensão da sociedade e da forma de governo ideal para Platão.

### **Aulas 6 e 7**

**Objetivo:** Serão teorizadas as principais características relativas ao grandioso filósofo Aristóteles. A contraposição aristotélica em relação ao viés platônico que afirma a coexistência de dois mundos, o qual salienta que o conhecimento verdadeiro não estaria

vinculado ao mundo material, será objeto da incisiva exposição dialogada com os alunos acerca da visão deste importante filósofo que se distanciou da visão de seu mestre, Platão. Os pressupostos que fundamentam a ideia de Aristóteles irão nortear o debate proposto tendo em vista sua percepção acerca da obtenção do conhecimento verdadeiro na natureza sensível. Assim, outra perspectiva a ser dialogada reside na *eudaimonia* aristotélica e sua filosofia para o bem viver voltada para o alcance do equilíbrio.

## **Aula 8**

**Objetivo:** Delimitação de um questionário de fixação dos conteúdos a ser respondido em casa.

## **Aula 9**

**Objetivo:** Correção do questionário com a disposição das cadeiras formando uma “roda filosófica”, propondo uma maior interatividade e proposição do debate.

## **Aula 10**

**Objetivo:** Avaliação com metade das questões discursivas e metade objetivas.

## **Bibliografia:**

FILHO SAVIAN, J. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. 1. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

## **Segundo Bimestre**

## **Aula 11**

**Objetivo:** A intenção da aula inaugural do segundo bimestre é transmitir aos estudantes os pressupostos que embasam as condições de surgimento da Filosofia Helenística. Será pretendido explicitar a importância dos helenos para que as reflexões filosóficas fossem focadas essencialmente no aparato ético e no sentido da vida em sociedade.

## **Aula 12**

**Objetivo:** A proposta da presente aula, visa estabelecer um panorama estrutural diferente das demais aulas vivenciadas até o momento. O conteúdo acerca da escola cínica, inaugura uma série de aulas que adentram o campo dos meandros das escolas helenísticas. Tais filosofias possuem um intercâmbio altamente vinculado com questões que podem ser dialogadas diretamente com situações contemporâneas, portanto a interatividade e o debate tornam-se ainda mais naturalizados. Dessa forma, a disposição desta e das demais aulas que irão compor o segundo bimestre, serão estruturadas no formato de “roda filosófica”. Assim, a proposta da aula 12 (doze) possui a determinação de apresentar as características referentes ao cinismo e estimular o debate acerca das reflexões suscitadas.

## **Aula 13**

**Objetivo:** O objetivo a ser proposto na presente aula, caminha em conjunto à estrutura experienciada na aula anterior, a qual enfatiza o caráter da “roda filosófica”. Será fomentado o debate das reflexões que alicerçam a escola estoica e sua correspondência com a vivência contemporânea.

## **Aula 14**

**Objetivo:** O objetivo a ser proposto na presente aula, caminha em conjunto à estrutura experienciada na aula anterior, a qual enfatiza o caráter da “roda filosófica”. Será fomentado o debate das reflexões que alicerçam a escola epicurista e sua correspondência com a vivência contemporânea.

## **Aula 15**

**Objetivo:** O objetivo a ser proposto na presente aula, caminha em conjunto à estrutura experienciada na aula anterior, a qual enfatiza o caráter da “roda filosófica”. Será fomentado o debate das reflexões que alicerçam o ceticismo e sua correspondência com a vivência contemporânea.

## **Aula 16**

**Objetivo:** A proposta da presente aula possui o intuito de discorrer acerca dos princípios que norteiam o neoplatonismo e seus desdobramentos na antiguidade tardia, trazendo à tona seus principais representantes, os quais são Porfírio e Plotino.

## **Aula 17**

**Objetivo:** Aula destinada para a divisão de grupos que irão confeccionar um trabalho em sala, cujos objetivos normativos do trabalho serão definidos em conjunto aos alunos

## **Aula 18**

**Objetivo:** Continuação do trabalho em grupo

## **Aula 19**

**Objetivo:** Aula para a resolução de dúvidas e revisão do conteúdo trabalhado ao longo do bimestre

## **Aula 20**

**Objetivo:** Avaliação final, sendo ela composta por metade das questões discursivas e metade objetivas

## **Bibliografia:**

FILHO SAVIAN, J. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. 1. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

## **Terceiro Bimestre**

### **Aula 21**

**Objetivo:** O contexto que envolve a aula inaugural do terceiro bimestre, revela o momento em que o docente irá propor uma abordagem temática acerca da “Ética” vinculada à história da filosofia. Nesta aula, o docente verbalizará com os estudantes as nuances acerca dos conceitos de ética e moral, fazendo com que o debate seja suscitado em relação aos alunos ao vincular tais questões com o cotidiano.

### **Aula 22**

**Objetivo:** Relembrar e revisar o conteúdo exposto na aula acerca da “*eudaimonia* aristotélica”, realizando sua aplicabilidade a partir de exercícios efetuados e corrigidos em sala de aula.

### **Aula 23**

**Objetivo:** Relembrar e revisar o conteúdo exposto na aula acerca do “Epicurismo e a ética hedonista”, realizando sua aplicabilidade a partir de exercícios efetuados e corrigidos em sala de aula.

### **Aula 24**

**Objetivo:** O planejamento reservado para a presente aula, será voltado para o aprofundamento da filosofia kantiana no que diz respeito ao seu aparato ético. As articulações que o docente irá propor, se baseiam, essencialmente, nas reflexões que concernem a ótica do “dever” proposto por Kant, assim como os desdobramentos que abarcam a noção do “imperativo categórico”.

### **Aula 25**

**Objetivo:** A intenção para o desenvolvimento da proposta desta aula, possui o pressuposto basilar de convidar os estudantes a conhecerem a ética utilitarista, a qual carrega consigo a presença do filósofo John Stuart Mill e suas estonteantes reflexões acerca do bem viver em sociedade.

### **Aula 26**

**Objetivo:** O planejamento adequado para o atual momento, possui a incumbência atrelada à teorização e correlato debate acerca da área denominada “Bioética”. Assim, o docente deverá mergulhar neste campo juntamente aos alunos, fomentando um ambiente que seja comandado pelo diálogo acerca de um assunto que pressupõe uma ambientação cotidiana, e que caminha em sintonia com o incessante desenvolvimento técnico-científico visualizado atualmente. Serão trabalhadas reflexões do campo ético em relação às temáticas relativas ao desenvolvimento da biologia e da ciência, tendo em vista sua aplicabilidade e atuação direta na vida e no organismo dos seres humanos.

### **Aula 27**

**Objetivo:** Aula destinada para o filme “O jardineiro fiel”

### **Aula 28**

**Objetivo:** Aula destinada para a continuação do filme “O jardineiro fiel”

## **Aula 29**

**Objetivo:** Aula destinada para o término da última parte do filme e explicação do que deverá ser realizado no trabalho a ser entregue na próxima aula. O trabalho irá consistir em um questionário de 4 (quatro) perguntas que articulam o conteúdo presente no filme com as nuances acerca da “Bioética”.

## **Aula 30**

**Objetivo:** Avaliação com metade das questões discursivas e metade objetivas.

### **Bibliografia:**

FILHO SAVIAN, J. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. 1. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

DINIZ, D. **Conflitos morais e bioética**. Brasília: Letras Livres, 2002.

## **Quarto Bimestre**

### **Aula 31**

**Objetivo:** O quarto e último bimestre será iniciado com uma exposição e conseguinte proposição do debate acerca das relações entre o homem e a política ao longo da história. A perspectiva central será pautada na busca pela compreensão da importância de estarmos habituados às nuances políticas que regem a sociedade, além do incentivo perante o exercício reflexivo acerca das normas que organizam determinado grupo, comunidade ou nação.

### **Aula 32**

**Objetivo:** O objetivo da segunda aula acerca da abordagem temática voltada para a “Política” proposta no quarto bimestre, será reservada para o estudo da corrente filosófica de pensadores chamados de “utopistas”. A trajetória a ser desempenhada pelo docente,

visará expor o âmbito do surgimento da raiz intelectual que permeava os séculos XV e XVI na Europa, período que representa a marca de um cenário de transição perante o domínio dogmático da Igreja Católica e a efervescência de ideias que contrapõem a perspectiva intolerante com a qual a fé cristã se desdobrava perante a população. O docente deverá adentrar ao campo associado às características distintivas da obra de Thomas Morus, denominada “*Utopia*”, a qual serve de base para a compreensão das ideias do principal precursor da corrente “utopista”.

### **Aulas 33 e 34**

**Objetivo:** O docente irá perpassar pelos principais aspectos da filosofia de Nicolau Maquiavel e sua importância para o âmbito da filosofia política. Mais uma vez, será exemplificada a luta pela superação de um dominante dogmatismo, cujas decisões eram pautadas essencialmente na ótica da fé cristã. Será chamada a atenção dos estudantes para os aspectos distintivos que confluem para a determinação de Maquiavel como sendo o fundador da ciência política moderna. Além de trazer à tona a trajetória deste grande pensador e seus esforços em sedimentar as bases de sua teoria, o exercício da aula será voltado para a verbalização dos conceitos basilares de sua célebre obra intitulada “*O Príncipe*”, a qual disserta questões intrigantes no que diz respeito a concepção de natureza humana e em relação à estrutura mais aprazível para a manifestação de um bom governo, ou seja, perspectivas altamente ricas que podem ser intercaladas com o cenário contemporâneo.

### **Aula 35**

**Objetivo:** A proposta da presente aula dará início a uma sequência de 3 (três) aulas que serão destinadas ao estudo acerca dos filósofos “contratualistas”. O primeiro filósofo a ser visualizado será Thomas Hobbes, o qual possui características próprias atreladas a ideia primordial desta corrente de pensadores, ou seja, as nuances acerca do “contrato social”, assim como suas perspectivas perante a ideia do “estado de natureza” do homem. A proposição do debate será alicerçada nas perspectivas centrais da obra “*Leviatã*” e nas reflexões geradas através da enigmática frase: “o homem é o lobo do homem”.

### **Aula 36**

**Objetivo:** O segundo filósofo a ter suas ideias ministradas em sala será John Locke, o qual possui características próprias atreladas a ideia primordial desta corrente de pensadores, ou seja, as nuances acerca do “contrato social”, assim como suas perspectivas perante a ideia do “estado de natureza” do homem. A proposição do debate será alicerçada nas perspectivas centrais da obra do filósofo John Locke e nas reflexões geradas através da enigmática frase: “onde não há lei, não há liberdade”.

### **Aula 37**

**Objetivo:** O terceiro filósofo a ter suas ideias ministradas em sala será Jean Jacques Rousseau, o qual possui características próprias atreladas a ideia primordial desta corrente de pensadores, ou seja, as nuances acerca do “contrato social”, assim como suas perspectivas perante a ideia do “estado de natureza” do homem. A proposição do debate será alicerçada nas perspectivas centrais da obra “*Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*” e nas reflexões geradas através da perspectiva do “bom selvagem”.

### **Aula 38**

**Objetivo:** Delimitação de um questionário de fixação dos conteúdos a ser respondido em casa.

### **Aula 39**

**Objetivo:** Correção do questionário com a disposição das cadeiras formando uma “roda filosófica”, propondo uma maior interatividade e proposição do debate.

### **Aula 40**

**Objetivo:** Avaliação com metade das questões discursivas e metade objetivas.

**Bibliografia:**

FILHO SAVIAN, J. **Filosofia e filosofias: existência e sentidos**. 1. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

RAMOS, C. F./ MELO, R./FRATESCHI, Y. **Manual de Filosofia Política**, 4. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2021.

## 8.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO

A fundamentação da estrutura relativa ao plano de curso descrito anteriormente, fora baseada essencialmente nas diversas experiências vivenciadas ao longo da graduação, sejam elas práticas ou teóricas. É necessário que sejam ressaltados aspectos acerca dos conteúdos trabalhados ao longo das matérias específicas para o exercício da docência, dos debates empreendidos em torno dos documentos oficiais que orientam as diretrizes voltadas para o Ensino Médio, além das atividades vivenciais experienciadas ao longo dos estágios supervisionados e do programa de Residência Pedagógica.

Tendo em vista a nova formatação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o presente plano de curso visa atender as expectativas propostas nas competências e habilidades reformulados no novo documento, estimulando que a prática docente seja pautada fundamentalmente no incentivo ao protagonismo estudantil acerca do processo de ensino-aprendizagem, para que o estudante se sinta cada vez mais afeiçoado e parte constituinte do universo de obtenção do conhecimento. A proposta de uma sala de aula interativa, dinâmica e participativa, representa o ápice do planejamento deste plano de curso, assim o docente deve ancorar-se na busca incessante pelo intercâmbio em relação ao conteúdo de filosofia propriamente dito e aos aspectos inseridos na vida cotidiana dos alunos.

Os desafios a serem enfrentados são definitivamente grandiosos, a busca pela interdisciplinaridade, a qual representa uma orientação descrita na nova BNCC, é um dos maiores emblemas impostos, principalmente na área da filosofia. Porém cabe ao docente mergulhar nas possibilidades salientadas e implementar metodologias cabíveis de acordo

com o conteúdo ofertado em sala de aula, testando e remodelando maneiras de ofertar a matéria prevista no plano de curso.

Em linhas gerais, o envoltório que corresponde a roupagem do atual planejamento, carrega consigo a pretensão de aproximar o aluno da área da filosofia, assim como seduzi-lo em relação à instigante forma com a qual o pensamento filosófico se desdobra, ratificando a real compatibilidade do pensamento estruturado por grandes filósofos e as questões que perpassam as singularidades da vida pessoal e em sociedade.